ANIVERSÁRIO HÁ 30 ANOS ESTAMOS AO LADO DE QUEM SE IMPORTA, FIRMES NA DENÚNCIA DAS INJUSTIÇAS E NA LUTA POR UMA DEMOCRACIA DIGNA DO NOME

VIOLÊNCIA DE GÊNERO A LEI MARIA DA PENHA TROUXE INEGÁVEIS AVANÇOS EM 18 ANOS, MAS A PROTEÇÃO INTEGRAL DA MULHER AINDA ENFRENTA DESAFIOS

CartaCapital

CartaCapital 30 ANOS

cartacapital.com.br
ANO XXX Nº 1323
R$ 31,90
14 DE AGOSTO DE 2024
9 771809 669002 01323
basset editora

QUEBRA DE SIGILO

O CERCO DO STF AO "ORÇAMENTO SECRETO" INCENDEIA A DISPUTA PELO COMANDO DO SENADO E DA CÂMARA

Quando o assunto é **MEIO AMBIENTE**, conscientiz**ação** **e trabalho** andam juntos

O Governo da Bahia tem se dedicado a trabalhar cada vez mais pela preservação do meio ambiente:

- Hoje temos orgulho de sermos líderes mundiais em produção de energia sustentável e renovável.
- Estamos no caminho para, no futuro, liderar a transição energética e, assim, promover a justiça socioambiental.
- Trabalhamos duro para botar em prática o Fundo da Caatinga e viabilizar o financiamento climático do nosso Estado.
- Também estamos tirando do papel o importante Plano Estadual de Agricultura de Baixo Carbono, investindo em tecnologia verde.

É o **Bahia + Verde** funcionando com todo o seu potencial, **por um mundo sustentável para a nossa gente.**

CartaCapital
Tudo que importa para quem se importa

14 DE AGOSTO DE 2024 • ANO XXX • Nº 1323

Os parisienses têm fama de mal-humorados, mas são mestres na arte de festejar Pág. 52

Capa: Pilar Velloso. Fotos: Mateus Bonomi/Agif/AFP e Mauro Pimentel/AFP

ANTONELLO VENERI E ACERVO CHU MING SILVEIRA

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, André Costa Lucena, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marin Daher, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wendal Lima do Carmo
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Allan Ravagnani, Getulio Xavier e Leonardo Miazzo
EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação) e Marina Verenicz
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
ESTAGIÁRIOS: Ana Luiza Sanfilippo e Sebastião Moura
REDES SOCIAIS: Caio César
SITE: www.cartacapital.com.br

basset
editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE MARKETING E PLANEJAMENTO: Italo Sasso
NOVOS PROJETOS: Demetrios Santos
ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS CAPITAIS

O LABIRINTO DE MADURO

Lula parece comparar, equivocadamente, a situação na Venezuela com a do Brasil em 8 de janeiro de 2023. Tal comparação não cabe, embora se saiba haver interesses na confusão venezuelana. Tenho o maior respeito por Celso Amorim, mas ele tem de ter cuidado com o que diz, para que não usem as suas falas de modo descontextualizado. Enquanto os militares apoiarem Maduro, ele não cai. Simples assim.
César Augusto Hulsendeger

A FARSA

Maduro sabia que seria cobrada transparência nas apurações das urnas. Tanto é fato que ele havia aceito, inicialmente, observadores internacionais. Por que declinou do acordo? Se os resultados proclamados pelo Conselho Nacional Eleitoral são verdadeiros, por qual razão colocar entulhos de dúvidas sobre o direito de ser diplomado vencedor? Se a autodeterminação dos povos garante que ditadores de plantão e seus comparsas persigam opositores, se apossem das riquezas do país e condenem milhões de cidadãos à miséria, a que serve mesmo esse respeito?
Williams Costa Cantanhede

ESPORTE TAMBÉM É POLÍTICA

A relação entre investimento no esporte por meio do Bolsa Atleta e outras modalidades de incentivo precisa ser mais bem comunicada à população, para não parecer que o desempenho se deve apenas a méritos pessoais, como se medalhistas surgissem do nada. Em Paris, também temos a melhor expressão do pódio negro e feminino, com a esperança de que a sociedade reveja seus conceitos e preconceitos.
Adilson Gonçalves

FERIDA ABERTA

Em pleno 2024, ainda existem os que apoiam a ditadura com discursos vazios, de quem só viu a "parte boa" da falsa segurança da época. Tantas famílias destruídas... Uma parte triste e vergonhosa da nossa história!
Érika Pezzin

ERRATA

Um erro de edição na reportagem "No sufoco", publicada na edição 1322, resultou na indevida atribuição de uma declaração de José Antonio Diegues, professor do Instituto de Economia da Unicamp, ao economista José Augusto Gaspar Ruas, da Facamp. O texto já foi corrigido na versão publicada no site de CartaCapital. *Reproduzimos, a seguir, a análise de Diegues: "Temos as tecnologias para as áreas de energia eólica e solar, que funcionam muito bem. A tecnologia a gente não domina em solar, que é mais complicada. Desde 2003, com um programa de leilões direcionados no governo Lula, para incentivar essas tecnologias, criou-se um mercado relevante em eólica, e também em solar, que já tem um impacto bastante significativo na descarbonização. Quanto aos automóveis, há a ideia do híbrido flex, que tem uma pegada de carbono menor, e foi bem desenhada, no Nova Indústria Brasil, toda a política de transição para os veículos elétricos, com mecanismos de incentivo para a nacionalização, para pesquisa e desenvolvimento, para investimento em determinadas áreas, crédito financeiro para investimento. Isso está dando resultado, é só olhar os investimentos no setor de automóveis para os próximos anos".*

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

O que importa, há 30 anos

Como nossos fiéis leitores, *CartaCapital* segue firme na denúncia das injustiças e na luta por uma democracia digna do nome

Neste agosto, pedimos a músicos, escritores, cientistas, filósofos, ativistas e essencialmente aos nossos leitores respostas a uma pergunta: o que importa para eles? Do engenho da provocação brotou um caleidoscópio da alma brasileira, calejada de esperanças e frustrações. A experiência celebra os 30 anos de *CartaCapital*, sublinhados por um novo *slogan*, "Tudo que importa para quem se importa", criação do consultor Adal Viviani.

A epígrafe capta, digamos, a fase balzaquiana desta publicação. Coexistem a experiência e o fulgor, o ímpeto e a ponderação. A extraordinária, desafiadora e ambígua transformação tecnológica obriga o jornalismo a repensar seus propósitos.

Quando a primeira edição de *CartaCapital* foi às bancas, em agosto de 1994, concebida por meia dúzia de jornalistas na sala de estar de Mino Carta, a internet engatinhava, o mundo se iludia com o suposto fim da história e Nelson Mandela, prova de que as notícias sobre a morte da história eram manifestamente exageradas, assumia a presidência da África do Sul.

As primeiras redes sociais, hieróglifos do mundo virtual, surgiriam uma década depois. Para entender a realidade, os leitores esperavam, ávidos, a chegada das revistas semanais nas bancas ou na porta de casa. Na virada do século, *CartaCapital* fazia jus a seu *slogan*, "Leia antes que aconteça", ratificado por incontáveis reportagens que marcaram época e influenciaram o debate público.

"O importante é estar em paz com você mesmo. A paz de espírito é a única coisa que o homem pode aspirar. Fora isso, o que sobra?"

MINO CARTA

OLGA VLAHOU/CARTACAPITAL

Na elipse entre o "Leia antes que aconteça" e o "Tudo o que importa para quem se importa", muita água passou por baixo da ponte, trinta voltas a Terra deu em torno do Sol e o Neymar não parou de rolar pelos gramados até repetir o feito de Phileas Fogg. Gente veio, gente se foi. O mar está mais perto de virar sertão, como profetizou Antônio Conselheiro.

Muita gente esqueceu o que escreveu, disse ou defendeu. Nós não. O compromisso da revista com os princípios do bom jornalismo permanece o mesmo. Nenhuma injunção, pressão ou intempérie afastaram esta publicação do rumo traçado três décadas atrás. Nossa coluna vertebral continua ereta. Renascemos a cada batalha perdida.

Como nossos fiéis leitores, *CartaCapital* segue atenta. O combate à desigualdade obscena nos importa. A denúncia das injustiças importa. O microscópio, o telescópio, a tese e a antítese importam. A reflexão, a ação, a consciência. Importam a estrofe, o parágrafo, a cadência, a melodia, a primeira e a última cenas, a ribalta, a luz, a sombra. O gol, a defesa e o *match point* são importantes. Mais do que subir ao pódio, importa cruzar a linha de chegada.

Esta revista se importa com quem se importa. Com quem estende a mão, com quem olha para o lado. Estamos ao lado de quem aspira a um futuro melhor e de quem não é dado o direito de sonhar. Importam os 99%. O direito ao próprio corpo e ser quem se quer ser.

Importa-nos chacoalhar a indiferença, suplantar a ignorância, desmentir as *fake news*, vergar a prepotência. Importa uma democracia digna do nome, do aglomerado, brotar uma nação.

Importa o apego à verdade factual e a honestidade.

Estamos aqui, há 30 anos, porque nos importamos.

Disque-denúncia contra *fake news*

A ministra Cármen Lúcia, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, anunciou, na terça-feira 6, o lançamento de um disque-denúncia para eleitores comunicarem suspeitas de *fake news* relacionadas às eleições municipais deste ano. O número 1491 já está em funcionamento e a ligação será gratuita. Os relatos recebidos serão analisados pelo Centro Integrado de Enfrentamento à Desinformação e Defesa da Democracia, que funciona na sede da Corte. Se a denúncia for considerada válida, ela será repassada à Polícia Federal e ao Ministério Público. "Será devidamente encaminhada para que, em tempo e velocidade recorde, a gente possa ter a resposta devida, para que a pessoa não se engane com aquilo que lhe é passado", afirmou a ministra.

São Paulo/ Associados ao PCC

Ministério Público investiga milicianos que atuam na Cracolândia

Uma megaoperação na Cracolândia, na área central da capital paulista, busca desarticular uma milícia formada por guardas civis metropolitanos e policiais militares, suspeitos de vender "proteção" a comerciantes da redondeza. Coordenada pelo Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público de São Paulo, a investida também mira líderes do PCC que controlam o tráfico de drogas na região.

Mais de 1,3 mil policiais civis, militares e rodoviários federais foram mobilizados para cumprir uma centena de mandados de busca e apreensão, um esforço hercúleo a envolver também promotores estaduais, procuradores do trabalho e fiscais das Receitas Estadual e Federal. Segundo o MP paulista, a milícia atuava em meio ao "ecossistema criminoso" da Cracolândia.

Além de extorquir comerciantes, os milicianos cobravam uma taxa para fazer vistas grossas à distribuição de drogas, além de atuar no comércio de autopeças, na receptação de celulares roubados e na venda de armas, atividades desenvolvidas com a colaboração de funcionários de hotéis, lojas e ferros-velhos. Criminosos do PCC também exploravam uma rede de prostituição e utilizavam o trabalho infantil em seus negócios.

Mais de 1,3 mil agentes foram mobilizados na megaoperação

Saúde/ DESCUIDO FATAL

O BRASIL ULTRAPASSA A MARCA DE 5 MIL MORTES POR DENGUE

As falhas na prevenção cobram um elevado preço dos brasileiros

O Brasil registrou 5.008 mortes por dengue em 2024. O número é mais de quatro vezes superior ao aferido ao longo de todo o ano anterior, quando foram notificados 1.179 óbitos pela doença. Há ainda 2.137 mortes em investigação. De acordo com o Painel de Monitoramento de Arboviroses do Ministério da Saúde, o País contabiliza 6.449.380 casos prováveis de dengue. O coeficiente de incidência é de 3.176,1 casos para cada 100 mil habitantes.

Os dados revelam ainda que 55% dos casos prováveis se concentram entre mulheres e 45%, entre homens. O grupo de 20 a 29 anos apresenta o maior índice de contágio, seguido pelos de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos.

O estado de São Paulo lidera o *ranking* nacional de infecções, com 2.066.346 de casos prováveis. Em seguida estão Minas Gerais (1.696.909), Paraná (644.507) e Santa Catarina (363.850). Quando se considera o coeficiente de incidência da moléstia, o Distrito Federal assume o primeiro lugar, com 9.749,7 casos para cada grupo de 100 mil habitantes.

González Urrutia denuncia fraude e diz ter vencido no voto popular

Venezuela/ O sucessor de Guaidó

Opositor de Maduro se autoproclama presidente e pede apoio militar

Dez dias após o Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela anunciar a reeleição de Nicolás Maduro com 52% dos votos, o principal candidato da oposição, Edmundo González Urrutia, autoproclamou-se presidente do país na segunda-feira 5, pedindo apoio de militares para assumir o cargo. A manobra teve pouco efeito prático. À época no comando da Assembleia Nacional, Juan Guaidó também se declarou presidente em 2019, mas só conseguiu ser recebido com honras de chefes de Estado por figuras como Jair Bolsonaro.

A oposição venezuelana afirma ter obtido a maioria dos votos e acusa Maduro de fraudar o pleito. A demora do CNE para apresentar as atas eleitorais só reforçou as desconfianças da comunidade internacional.

Em carta conjunta assinada com outra liderança da oposição, a ex-deputada María Corina Machado, Gonzáles Urrutia fez um "apelo público à consciência" dos militares e pede que os soldados e oficiais de baixa patente "fiquem do lado do povo e de seus familiares". Quanto ao comando das Forças Armadas, a carta afirma que "a alta cúpula se alinha a Maduro e seus interesses vis". Não se sabe o efeito sobre a tropa, mas o apelo foi prontamente rechaçado pelo ministro da Defesa, general Vladimir Padrino: "Rejeitamos veementente as abordagens desesperadas e sediciosas".

Enquanto persistem os protestos nas ruas contra o atual governo e a repressão policial, no âmbito diplomático a situação de Maduro ficou mais difícil após o governo dos EUA afirmar que o candidato opositor venceu as eleições. "Isso não significa que vamos reconhecer González como presidente interino", tratou de esclarecer Matthew Miller, porta-voz da Casa Branca. Por ora, Washington ainda aposta na negociação multilateral conduzida pelos governos de Brasil, México e Colômbia com Maduro, em busca da solução para um impasse com alto teor explosivo.

REDES SOCIAIS, SSP/PMSP/GOVSP E DIEGO MARCHI/PREFEITURA DO GUARUJÁ

O Nobel pede paz

Com a persistência dos saques e depredações que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas de Daca após a renúncia da *premier* de Bangladesh, Sheikh Hasina, o economista Muhamadd Yunus, escolhido para conduzir o processo de transição até as próximas eleições no país, pediu calma à população na quarta-feira 7: "Se tomarmos o caminho da violência, tudo estará perdido", disse o vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 2006. Os tumultos se intensificaram depois que Hasina fugiu para a Índia de helicóptero. A *premier* enfrentava uma onda de protestos estudantis desde que anunciou um sistema de cotas no serviço público que favorecia descendentes de veteranos de guerra, sua base eleitoral.

PEDRO SERRANO
Advogado e professor de Direito Constitucional da PUC de São Paulo, é autor, entre outros, de *Autoritarismo e Golpes na América Latina* (Alameda Editorial)

Afronta à dignidade

▶ O projeto paulista que veda o acesso de "invasores" a programas sociais é inconstitucional

Está em discussão na Assembleia Legislativa de São Paulo um Projeto de Lei que visa, em nome da suposta defesa da propriedade e da ordem jurídica, proibir que os chamados "ocupantes ilegais e invasores de propriedades de terceiros", sejam elas rurais ou urbanas, públicas ou privadas, recebam benefícios de programas sociais do governo estadual. As sanções previstas também visam impedir a participação em concursos, a posse em cargos públicos e a contratação com o Poder Público estadual.

Ocorre que o referido Projeto de Lei estadual, que possui similar proposição legislativa em âmbito federal, é flagrantemente inconstitucional. A primeira questão que se coloca é o tolhimento, de forma indefinida e indiscriminada, dos direitos das pessoas em situação de vulnerabilidade social, ao passo que a Constituição veda punições perpétuas e impõe obediência à dosimetria no estabelecimento de sanções administrativas.

Não se pode admitir tamanha disparidade entre uma conduta indesejável – qual seja, ocupar uma propriedade alheia, o que já é passível de enquadramento pelo sistema punitivo criminal – com a reação sancionatória proposta pela inovação legislativa, consistente em impedir, de forma perpétua, o acesso aos programas sociais.

Com efeito, a proposição legislativa sobrepõe o direito à propriedade aos demais direitos das pessoas em situação de hipossuficiência. Entretanto, o direito à propriedade, assim como qualquer outro, não é absoluto. Além disso, ele também não pode se sobrepor a outros direitos. Não se pode, portanto, tolher o acesso aos programas públicos destinados aos hipossuficientes em nome da prevalência do direito à propriedade.

A inversão de valores levada a efeito pela proposição legislativa representa, ainda, uma flagrante afronta à dignidade das pessoas. Em vez de serem tratadas como sujeitos de direitos em situação de vulnerabilidade social, a demandar especial proteção do Estado, elas são estigmatizadas e conduzidas à ampliação da situação de vulnerabilidade.

É por todas essas razões que a proposição legislativa é inconstitucional. Ela viola os fundamentos do nosso Estado Democrático de Direito previstos no artigo 1º da Constituição da República e, ainda, os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil previstos no seu artigo 3º, os quais impõem a construção de uma sociedade justa e solidária, a erradicação da pobreza e da marginalização, a redução das desigualdades sociais e, por fim, a promoção do bem de todos.

Outro aspecto que, nesse tema, não pode ser desconsiderado é que a proposição legislativa possui uma nítida pretensão inibitória dos movimentos sociais que atuam em reivindicações relativas ao direito à propriedade, bem como à moradia e às condições dignas de existência. Isto é, a proposição legislativa visa fulminar, inconstitucionalmente, a legítima atuação dos movimentos sociais, o que também não se pode admitir.

Os movimentos sociais são organizações heterogêneas constituídas como legítima contraposição às estruturas tradicionais de poder. Essas formas difusas e contramajoritárias de ação são instrumentos fundamentais de efetividade dos direitos previstos na Constituição.

Consoante destaca José Eduardo Faria na obra *Justiça e Conflito*, a origem dos movimentos sociais está relacionada ao modelo de desenvolvimento econômico adotado no começo da segunda metade do século XX, o que acarretou a "erosão dos laços de enraizamento social". Mais especificamente, a industrialização provocou, conforme palavras do mesmo autor, uma "crise estrutural das instituições governamentais" e uma diferenciação socioeconômica complexa e contraditória marcada pela emergência de "associações populares não políticas" e de "organizações coletivas" preocupadas com a reformulação dos "códigos simbólico-culturais".

Nesse cenário, é inerente à atuação dos movimentos sociais a chamada "política de protesto", bem como a adoção de mecanismos de atuação e de posicionamento fundamentados no direito de resistência, isso tudo em nome da própria efetividade do nosso Estado Democrático de Direito e dos direitos fundamentais.

Também por essas razões não podemos admitir que a proposição legislativa em exame seja aprovada. Do contrário, caberá, em sede de controle concentrado de constitucionalidade, a contraposição da vontade legislada ocasional com o pacto intergeracional consubstanciado na nossa Constituição. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Clube de Revistas
28 DE AGOSTO
DIA DO BANCÁRIO
FENAE
APCEF
LIGADOS PELOS
DIREITOS DE TODOS
Em agosto, mês em que celebramos o Dia do Bancário, a Fenae homenageia todos os trabalhadores que dedicam suas vidas à prestação de serviços essenciais para a população, garantindo acesso a um sistema financeiro mais justo e eficiente.
Destacamos especialmente as empregadas e os empregados da Caixa, que enfrentam desafios diários para promover o desenvolvimento social e econômico do país.
Reconhecemos suas lutas e conquistas históricas, essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e solidária.
Agradecemos pelo compromisso e pela dedicação de cada trabalhador bancário, alicerces imprescindíveis no progresso do país.
FENAE
FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
Aponte a câmera
do seu celular para
o QR Code e conheça a Fenae.

Luz nas sombras

A INVESTIDA DO STF CONTRA O "ORÇAMENTO SECRETO" É O PRENÚNCIO DE UM VENDAVAL POLÍTICO. E FAVORECE LULA NO CONGRESSO

por ANDRÉ BARROCAL

Na eleição, o presidente Lula chamou mais de uma vez de "excrescência" o "orçamento secreto", aquela invenção do Congresso na era Bolsonaro para controlar bilhões de reais sem ter de prestar muita conta a ninguém. Chegou a comentar em um debate em Brasília que o tal "mensalão" causou "um tremendo carnaval" e o "orçamento secreto", não. "O presidente não tem poder sobre o orçamento, é a Câmara dos Deputados que dirige o orçamento", disse. Eleito, Lula viu o Supremo Tribunal Federal decretar a morte dos sigilos às vésperas de tomar posse, com o voto decisivo de Ricardo Lewandowski, hoje ministro da Justiça. Voto dado um dia após Lula receber em um hotel, para uma conversa pouco amigável, o presidente da Câmara, deputados Arthur Lira, comandante em chefe do "orçamento secreto" juntamente com o senador Davi Alcolumbre.

Lewandowski entrou no ministério em fevereiro deste ano, no lugar de Flávio Dino, indicado pelo presidente para uma vaga no Supremo. Dino vestiu a toga em 22 de fevereiro. Três dias depois, um ministro de Lula dizia anonimamente a um jornalista de Brasília: "A gente cansou do Lira. Vamos lidar com ele a partir do Supremo". Ao longo do primeiro ano de governo, Lula colecionou atritos com o deputado do PP de Alagoas, poderoso como nenhum outro mandachuva da Câmara graças ao "orçamento secreto". Este havia ressuscitado da pena de morte aplicada pelo Supremo quando, dois dias depois, o Congresso votou o orçamento de 2023. Deputados e senadores deram um jeito de criar novas formas opacas de controlar verbas orçamentárias. Foi para acabar de vez com qualquer tipo de segredo ainda existente que Dino decidiu baixar duas liminares duríssimas, ambas com potencial para criar uma crise política e desvendar esquemas de corrupção.

OS DEPUTADOS E SENADORES TÊM 49 BILHÕES DE REAIS EM EMENDAS PARA TORRAR AO LONGO DE 2024

Os despachos do magistrado promovem um cerco às emendas parlamentares, uma fortuna de 49 bilhões de reais em 2024: jogam luz sobre elas, permitem a Lula não pagar parte e respalda um órgão do governo, a Controladoria-Geral da União, para mapear e auditar bilhões nos próximos meses. De quebra, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, entrou em campo e pediu ao Supremo, na terça-feira 6, o fim de um tipo especial de emenda, aquela conhecida como "pix", surgida em 2019. Caberá a Dino, na condição de relator, cuidar dessa ação também.

Ao exigir transparência na destinação dos recursos públicos, o ministro Flávio Dino mina o poder de Arthur Lira, empenhado em eleger um sucessor na Câmara, e de Davi Alcolumbre, que tem planos de retornar ao comando do Senado. O presidente da República tem a chance de se livrar da chantagem

ARQUIVO/AGÊNCIA CÂMARA E JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

Antes de Dino, a então ministra Rosa Weber tentou extinguir o "orçamento secreto", mas o Congresso encontrou um atalho. Agora, Paulo Gonet, da PGR, ajuíza uma ação contra as opacas "emendas pix"

As liminares revoltaram parlamentares, para quem houve jogo combinado de Lula e Dino. Nos bastidores, é possível ouvir, de fato, reações satisfeitas dentro do governo com as decisões do ministro. O que os congressistas não sabem é como dar o troco, algo tramado a portas fechadas. Na Câmara, líderes partidários, sobretudo aqueles do tal "Centrão", pediram uma reunião urgente com Lira. Foi o que um desses líderes contou à reportagem. A reunião deve ocorrer na segunda-feira 10. Os deputados estão de recesso informal, por causa da eleição municipal, e trabalharão apenas alguns dias até novembro. Uma das semanas de batente é a de 10 de agosto. Nem todos os líderes acham que vale a pena brigar com o STF. Em especial, por acreditarem que há uma bomba-relógio armada pelo gigantismo financeiro das emendas. É tanta grana para elas, e com pouca transparência, que a existência de escândalos é tida como certa. "Virou um cabaré", diz um líder crítico das emendas.

O clima no Legislativo deve esquentar em novembro. É quando a eleição municipal terá terminado, e então deputados e senadores voltarão a Brasília em busca de liberação de dinheiro do governo para "emendas". Serão dias também de debates e de votação da próxima lei orçamentária. E de avanço nas negociações para escolher os futuros presidentes da Câmara e do Senado. Haverá eleição para os dois cargos em fevereiro de 2025. Lira quer fazer o sucessor e Alcolumbre, voltar ao comando do Senado. Planos dificultados pelo cerco judicial ao "orçamento secreto". "Sem dúvida, (*a decisão de Dino*) vai influenciar nas eleições (*de fevereiro*)", afirma Neuriberg Dias, analista político do Diap. "Para o governo, traz um alento, pois equilibra a disputa pela sucessão na Câmara, diminui um pouco a força do atual presidente. Mas se verá também um movimento de união de partidos para manter a independência e a influência no orçamento."

Em dez anos, o Congresso apropriou-se de fatias crescentes de verbas federais. As emendas, obras inseridas por deputados e senadores na Lei Orçamentária, saíram de 9 bilhões em 2015 para 49 bilhões em 2024, conforme dados do "Siga Brasil – Painel Emendas", *site* mantido pelo Senado. Cada parlamentar controla neste ano, em média, 82 milhões de reais, quantia superior ao caixa de muitas prefeituras. A explosão de emendas teve um capítulo especial na era do "orçamento secreto", iniciada na Lei Orçamentária de 2020. Naquele ano, as "emendas RP 9", que são incluídas na lei pelo congressista encarregado de dar a cara final ao orçamento, atingiu 20 bilhões. Em 2021, 16 bilhões. Em 2022, 8

bilhões. Aí veio o julgamento do Supremo que matou, *pero no mucho*, os segredos.

Quando Lula assumiu, havia 15 bilhões de "emendas RP 9" pendentes de pagamento em razão da palavra empenhada no governo Bolsonaro. Foram pagos 10 bilhões, faltam 5 bilhões, no relato de quem acompanha o assunto no Palácio do Planalto. Pelo despacho de Dino, o governo não precisa mais liberar verba para essas emendas nem para aquelas inseridas no orçamento por comissões temáticas da Câmara e do Senado, as "RP 8". Estas foram usadas por deputados e senadores para driblar a morte do "orçamento secreto". Tinham meros 300 milhões no orçamento de 2022. No de 2023, 6 bilhões. No de 2024, 15 bilhões. A proibição judicial de pagar atingiu ainda as "emendas pix". Nos três casos, o governo só terá de pagar caso haja transparência prévia sobre cada emenda (congressista proponente e destinatário claramente identificados) e seja possível rastrear os recursos.

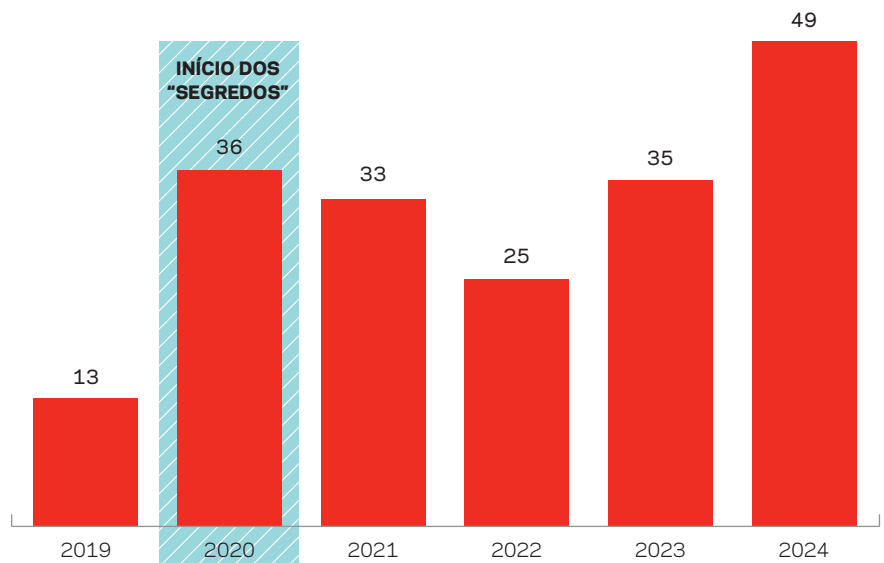
Dino também proibiu os congressistas de mandarem verbas para obras em estados diferentes dos quais foram eleitos. Um deputado da Bahia diz: o grupo político que manda na Câmara desde a era Bolsonaro sempre foi contra a transparência nas "emendas RP 9", pois seria possível ver que parlamentar de um estado propôs obra em outro. A explicação dessa geografia seria comercial. Um congressista tem tantas emendas que "vende" algumas. Basta, por exemplo, uma empresa interessada numa certa obra prometer-lhe uma caixinha. A proibição judicial no capítulo "geografia" vale já para o orçamento de 2025, que o governo enviará ao Congresso até o fim de agosto.

Além de fechar torneiras, Dino também colocou a luz do sol sobre emendas, a fim de tentar dar a elas transparência e rastreabilidade totais. O time do ministro Vinícius Carvalho, da Controladoria-Geral da União, terá papel destacado na empreitada. Carvalho é da cota pessoal de Lula, não teve indicação partidária. É sobrinho daquele que, nos dois mandatos

AS LIMINARES DE DINO REVOLTARAM PARLAMENTARES, PARA QUEM HOUVE JOGO COMBINADO COM LULA

anteriores do petista, foi chefe do Gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho.

A CGU tem até setembro para preparar um relatório sobre as dez cidades que mais recebem repasses de emendas e uma análise sobre os riscos por trás das "emendas RP 8". Ao lado do Tribunal de Contas da União, órgão auxiliar do Congresso, mapeará até 21 de agosto tudo o que há e não há de informação a respeito de emendas e, também, de quais políticas públicas podem vir a ser prejudicadas pela torneira fechada. Por fim, terá 180 dias para colocar no Portal da Transparência informações completas sobre padrinhos e destinatários de "emendas RP 8 e RP 9".

Caberá à CGU também auditar repasses feitos de 2020 a 2024 através de "emendas pix" e como a verba foi gasta na ponta. No ano passado, o TCU havia travado a Controladoria no exame do "gasto na ponta", ao decidir que era uma atribuição dos Tribunais de Contas estaduais. Apesar disso, a CGU examinou a situação em três estados (Minas, Pará e Paraná) e observou que é difícil controlar a verba, por falta de transparência e de procedimentos rastreáveis. Por decisão de Dino, o órgão auditará, inclusive, ONGs beneficiadas por "emendas pix" e, também, por "emendas RP 8 e RP 9". Não é raro que esse tipo de organização seja utilizada para canalizar dinhei-

*Fonte: Portal "Siga Brasil – Painel Emendas"

ANDRESSA ANHOLETE/STF, ARQUIVO/MPF E ARQUIVO/TSE

ro público ao bolso de quem separou os recursos no orçamento público. Por exemplo, em julho, a Polícia Federal concluiu que o atual prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, do MDB, tirou proveito de um esquema com ONGs quando era vereador, no caso conhecido como "máfia das creches".

Na CGU, o plano para cumprir as ordens judiciais é fazer auditorias por amostragem. Considera-se que o grande desafio é descobrir se existem ou não informações sobre padrinhos e destinatários de todas as "emendas RP 8 e RP 9" desde 2020. E que, especificamente sobre "emendas pix", será difícil rastrear verbas passadas, pois estas foram depositadas numa conta única da prefeitura ou do estado e, dessa forma, ficaram misturadas com recursos de outras origens.

"A decisão do ministro Dino confirma e parte de um importante pressuposto: o que o Supremo declarou inconstitucional não foram especificamente as emendas do relator, ou RP 9, mas sim uma forma de se destinarem recursos via emendas parlamentares sem transparência e controle. Por isso, qualquer outro mecanismo que tenha as mesmas deficiências da RP 9, como as emendas de comissão, ou RP 8, no modelo atual, também é inconstitucional", diz Guilherme France, da Transparência Internacional Brasil. "A decisão veio, ainda, em um momento importante. As emendas parlamentares jorraram para os caixas de prefeituras e impactarão as disputas eleitorais de 2024, favorecendo os grupos políticos tradicionais que já estão no poder e/ou têm padrinhos fortes em Brasília. Isso será mais um obstáculo ao necessário processo de democratização e aumento da diversidade nos espaços de poder."

Dino havia ressuscitado, em abril, o processo contra o "orçamento secreto", graças a uma denúncia da Transparência Internacional Brasil, da Transparência Brasil e da Associação Contas Abertas.

NÃO É FÁCIL SABER QUEM É O PADRINHO DE UMA "EMENDA PIX", NEM ONDE, DE FATO, FOI GASTA

Na época, dera 15 dias para o Congresso e o governo se pronunciarem. Segundo a denúncia, tinha sido desobedecida aquela decisão do Supremo, de 2022, de abolir o "orçamento secreto". A ação julgada naquele ano tinha como relatora Rosa Weber. Com a aposentadoria da juíza, em 2023, o processo fora herdado por Dino, seu substituto. A denúncia apontava três situações no orçamento de 2023 que evidenciariam a desobediência: falta de informações públicas sobre dinheiro de emenda destinado a dez ministérios, ampliação do cofre desses ministérios via emendas (estas só poderiam ter sido usadas para corrigir falhas) e utilização de "emendas pix" com espírito "secreto".

O baiano Elmar Nascimento, do União Brasil, é o preferido de Arthur Lira na eleição da Câmara

As "emendas pix" foram objeto de uma ação judicial específica em 25 de julho, de autoria da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Um dos advogados que assinam a ação é o ex-juiz Márlon Reis. A Abraji pede que o Supremo declare inconstitucionais as "emendas pix", por ser pouco transparente e rastreável o caminho da grana entre Brasília e o estado ou município a que se destina. Os recursos são repassados sem que haja um convênio específico, direto na conta única do estado ou da prefeitura. Em suma, há menos burocracia e, também, menos controle sobre a verba dessas emendas. Não é fácil saber quem é o padrinho de uma "emenda pix" nem onde, de fato, foi gasta. Problemas idênticos aos do "orçamento secreto".

Na terça-feira 6, o procurador-geral jogou o peso do órgão contra as "emendas pix". Gonet havia sido provocado a examinar o assunto por Dino em 18 de junho. A provocação havia sido feita no mesmo dia em que o juiz resolvera juntar numa mesma mesa, em 1º de agosto, todas as partes envolvidas na denúncia de desobediência ao fim do "orçamento secreto". As respostas que pedira, em abril, ao governo e ao Congresso não foram consideradas satisfatórias por Dino. No despacho que marcou a audiência de conciliação, ele escreveu que, "até o presente momento, não houve a comprovação cabal" de cumprimento da ordem judicial de que o orçamento seja plenamente transparente. "Todas as práticas viabilizadoras do 'orçamento secreto' devem ser definitivamente afastadas", anotou o magistrado, "não importa a embalagem ou o rótulo." Foi após a audiência de 1º de agosto que o magistrado baixou as liminares. Uma delas, naquela ação da Abraji.

Para um senador, as decisões de Dino, caso sejam cumpridas e levem à morte final do "orçamento secreto", têm três im-

pactos potenciais. Todos contrários ao Congresso, que estaria numa saia justa para reagir diante da imagem negativa das "emendas". Devolver ao governo o controle sobre parte do orçamento. Dar a Lula condições de (palavras do senador) "sair desse processo permanente de chantagem do Congresso" e formar uma base de apoio mais estável e confiável. E alimentar uma crise parlamentar, pois ficarão expostas (de novo palavras do senador) as "hipocrisias da extrema-direita", que bate no Estado, mas se esbalda em verbas públicas, e a vantagem que certos congressistas ditos governistas têm em relação a colegas. Combustíveis capazes de levar a outro escândalo dos "anões do orçamento", semelhante àquele dos anos 1990.

O mesmo senador que falou à reportagem acredita que o cerco aos segredos orçamentários terá "impacto direto" na sucessão de Rodrigo Pacheco, do PSD de Minas, como presidente do Senado, em fevereiro. Até agora, o favorito é Alcolumbre, do União Brasil. Este chefiou a Casa em 2019 e 2020. No ano seguinte, levou Pacheco ao posto. Um colega costuma chamar Alcolumbre de "verdadeiro pai do orçamento secreto". Foi com ele que, em 2019, o Congresso botou 20 bilhões de reais em "emendas RP 9" no orçamento de 2020 e criou as "emendas pix". É uma das razões para a enorme força política de um parlamentar oriundo de um dos menores estados do Brasil, o Amapá. Há quem diga que o poder dele repousa hoje naquelas emendas, as de comissão (*RP 8*), usadas para contornar a morte do "orçamento secreto". Poder que Alcolumbre partilha com Pacheco e dois emedebistas: Eduardo Braga, do Amazonas, líder da própria bancada, e Marcelo Castro, do Piauí, relator do orçamento de 2023.

Quem está disposta a enfrentar Alcolumbre na eleição de fevereiro é Eliziane Gama, conterrânea de Dino. Ela licenciou-se do mandato em julho para ser secretária estadual no Maranhão e promete voltar a Brasília após a campanha municipal. É do PSD, partido de outro nome citado como possível postulante à cadeira de Pacheco: Otto Alencar, da Bahia. O líder do governo no Senado, Jaques Wagner, do PT, nunca se compromete com a candidatura de Alcolumbre, e o conterrâneo Otto é uma das razões. A outra é a avaliação de que o estilo de Alcolumbre é parecido demais com o de Lira.

Eliziane Gama, do PSD, está disposta a enfrentar Alcolumbre na disputa pelo comando do Senado. Carvalho, da CGU, deve auditar as emendas

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO, ADALBERTO CARVALHO PINTO/GCU E TONINHO BARBOSA/UNIÃO BRASIL NA CÂMARA

O nome do coração do deputado alagoano para ser o próximo presidente da Câmara é Elmar Nascimento, baiano líder do União Brasil. Numa conversa a portas fechadas, Nascimento disse certa vez que gosta de Lula e identifica-se com ele. O problema do petista seria não ter um celular para o qual um parlamentar possa falar com ele diretamente sem o filtro de algum assessor ou da primeira-dama, Janja. Para um ministro, Nascimento seria melhor para o governo do que Lira, por não ter a mesma influência sobre os colegas, mesmo que faça parte do grupo que manda há tempos na Câmara. Um líder governista não tem dúvida também: o cerco judicial às emendas "diminui o poder de barganha" de Lira para levar Nascimento à vitória.

Um nome mais palatável para o governo é o do capixaba Marcos Pereira, presidente do Republicanos. Apesar de pastor e evangélico (os crentes em geral desaprovam o governo Lula e preferem Bolsonaro), Pereira é visto por um colaborador de Lula como alguém de trato mais fácil e não dado a autoritarismos. No início do ano, Pereira viajou no avião de Lula, a convite do presidente, para um evento em São Paulo. Em maio, comentou em um seminário em Nova York ser a favor de aprovar uma lei contra *fake news* nas redes sociais, para horror do bolsonarismo. O deputado tem buscado construir pontes com o governo. Um emissário dele, o deputado Silas Câmara, do Republicanos do Acre, foi em 11 de julho ao chefe da Casa Civil de Lula, Rui Costa.

Os próximos meses prometem fortes emoções em Brasília... •

Marco histórico

DIREITOS HUMANOS A Lei Maria da Penha trouxe inegáveis avanços, mas a proteção integral da mulher ainda enfrenta muitos desafios

POR MARIANA SERAFINI

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 22

Rio de Janeiro. Franco favorito nas eleições, Eduardo Paes torna-se alvo da esquerda à extrema-direira

Referência mundial no combate à violência de gênero, a legislação acaba de completar 18 anos

"Dia 22 de setembro é meu segundo aniversário, porque eu nasci de novo", relembra Cileide Cristina da Silva, primeira mulher a acionar a Lei Maria da Penha, justamente no dia em que ela começou a vigorar. Na quarta-feira 7, a lei completou 18 anos e, para esta vendedora ambulante sobrevivente, tem um sabor de recomeço, porque lhe permitiu libertar-se de uma relação de duas décadas de violência extrema e terror psicológico. Hoje, aos 54 anos, ela divide-se entre cuidar dos netos, ministrar palestras em escolas e atender jornalistas com frequência, porque sua trajetória virou um marco de resistência e emancipação feminina no Brasil.

O Brasil figura entre os países mais violentos contra as mulheres. A cada hora, 503 brasileiras são vítimas de agressão e, a cada dois minutos, cinco são espancadas por seus companheiros, alerta o Instituto Patrícia Galvão. Cileide diz que ainda dói falar sobre o seu casamento, pois era agredida diariamente. Não era apenas violência física, contra ela e os quatro filhos, mas também toda a sorte de abusos psicológicos, morais e sexuais. Dez anos mais velho, o marido não a deixava nem sequer usar desodorante ou condicionador para o cabelo, dizia que isso "não era coisa de mulher casada". Hoje, em suas palestras, ensina às mais jovens como identificar um relacionamento abusivo. "O agressor tenta nos afastar da família, das amigas, e tira nossa autonomia financeira. No início, parece cuidado. Quando a gente percebe, já está totalmente dependente, sem ter como escapar."

Sem saber ler nem escrever e sem fonte de renda, Cileide viveu refém do seu agressor e não sabia a quem pedir ajuda. Certa vez, quando foi buscar os filhos na escola, desviou o caminho e bateu na porta de uma delegacia, mas a decepção não poderia ter sido maior. "O delegado me perguntou se eu não tinha vergonha de denunciar o pai dos meus filhos. Disse que, se ele me batia, era porque alguma coisa eu aprontava. Saí de lá destruída. Parecia que todo aquele horror era culpa minha."

Certa vez, ao encontrar nos pertences da esposa um folheto de uma organização feminista, o companheiro ficou enfurecido. "Disse que tinha pegado o papel na rua e não sabia o que era, até porque não sei ler. Ele saiu dizendo que, na volta, se eu não tivesse aprendido o que estava escrito ali, o pau ia comer." Não deu outra, ao retornar para casa bêbado, deu uma surra na esposa e a obrigou a comer o panfleto, na frente da família. A filha mais velha não suportou assistir à cena e avançou contra o pai. Apanhou e acabou gravemente machucada. Usaram um telefone público para pedir socorro, justamente às mulheres que haviam entregado o folheto a Cileide.

As ativistas do Centro das Mulheres do Cabo, localizado em Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, acompanharam mãe e filha à delegacia de polícia. Ainda assim, o delegado se recusava a formalizar a denúncia, dizendo que a lei "ainda não estava valendo". Só recuou após a advogada Lucidalva Nascimento ameaçar telefonar para um promotor de Justiça. "Foi na marra, só assim ele nos ouviu", relembra a defensora. Naquele dia, o marido de Cileide foi preso em flagrante e a família passou a receber proteção, até o fim do processo de divórcio.

Nascimento já atuava há muitos anos na defesa de vítimas de violência doméstica e considera que a Lei Maria da Penha foi um divisor de águas. "Nos anos 80 e 90, não existiam mecanismos no arcabouço jurídico para proteger as mulheres e punir os agressores", afirma a advogada, que hoje integra a Comissão de Igualdade Racial da OAB do Cabo de Santo Agostinho. Passadas quase duas décadas, ela avalia que um dos maiores desafios é fazer a mu-

Pioneiras. Cileide foi a primeira mulher a acionar a lei que homenageia Maria da Penha

FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR, BRUNA VALENÇA E QUEM TV/APP-SINDICATO

lher vítima de violência recuperar a confiança e a autoestima. "O saber da psicologia e da assistência social tem sido nossos principais aliados. Por isso são tão importantes os centros de referência."

Fabiana Severi, professora da Faculdade de Direito da USP, explica que um dos grandes impactos da Lei Maria da Penha foi educar a sociedade sobre o que é violência contra mulheres no ambiente familiar. "Até pouco tempo atrás, o conceito de violência doméstica não existia. Falava-se em 'briga de marido e mulher', em medida corretiva contra crianças." A partir da nova legislação, que conceituou as variadas formas de violência de gênero, foi possível avançar em outros temas, como a caracterização do feminicídio. "Até então, a morte de mulheres era algo quase autorizado pela sociedade, o marido podia agir 'em defesa da honra'", diz a advogada.

Foi a Lei Maria da Penha que definiu juridicamente as diferentes formas de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual, financeira e patrimonial. Com o passar do tempo, a sociedade passou a compreender melhor esses conceitos. De acordo com pesquisas do Instituto DataSenado, apenas 23% dos entrevistados diziam conhecer vítimas de violência patrimonial em 2021, porcentual que saltou para 44% em 2023. A percepção da violência psicológica aumentou de 58% para 86% no mesmo período. No caso da violência moral, o índice quase dobrou, passando de 48% para 82%.

As Delegacias da Mulher, a Patrulha Maria da Penha e a Casa da Mulher Brasileira são alguns dos aparelhos públicos que surgiram depois da lei. Foi um passo importante, mas a rede de proteção ainda é insuficiente, alerta Severi. Os equipamentos são poucos e ainda estão concentrados nos grandes centros. A professora da USP acrescenta que os recursos para esses mecanismos foram drasticamente reduzidos no governo de Michel Temer e praticamente zerados na gestão de Jair

Ideias. Sâmia Bonfim sugere a adaptação das delegacias comuns para acolher melhor as vítimas. Cida Gonçalves busca parcerias para ampliar as patrulhas especializadas

Bolsonaro. A asfixia financeira impediu não só a expansão da rede, mas o próprio funcionamento das unidades que existiam. "Hoje, tentamos reconstruir um vaso quebrado com pouca cola. Existem muitas iniciativas, mas aquém do necessário."

De acordo com a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, está prevista a construção de 40 novas Casas da Mulher Brasileira no próximo período. As obras de dez delas já estão em execução. Outras 21 aguardam a conclusão do processo de licitação para a liberação de repasses aos governos estaduais. Atualmente, existem apenas oito unidades em todo o País. Trata-se de um equipamento público multidisciplinar, que oferece um atendimento completo às vítimas de violência, desde o processo de escuta e encaminhamento à Justiça até o atendimento psicológico e social para reinserção na vida social.

RAFA NEDDERMEYER/ABR, ALÊ BASTOS/REDES SOCIAIS SÂMIA BOMFIM, MARIANA KAIPPER CERATTI/BANCO MUNDIAL AMÉRICA LATINA E CARIBE

Em 2023, o Brasil registrou 1,4 mil feminicídios, alta de 1,4% em relação ao ano anterior

"Além disso, estamos investindo na reestruturação das 500 delegacias especializadas que existem hoje, para depois negociar a construção e solidificação de novas unidades", anuncia Gonçalves. A ministra também pretende expandir a rede de Centros de Referência de Atendimento às Mulheres, equipamentos que prestam atendimento psicológico, social e jurídico, além de buscar parcerias para investir nas Patrulhas Maria da Penha, principal forma de prevenção ao feminicídio. Em 2023, foram registradas 1.463 mortes por motivo de gênero no País, alta de 1,4% em relação ao ano anterior, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Relatora de um projeto que visa adaptar as delegacias comuns para atendimento de mulheres vítimas de violência, a deputada federal Sâmia Bonfim, do PSOL, propõe a reserva de ao menos uma sala em cada uma delas, com entrada separada, para que a equipe especializada possa trabalhar. Preferencialmente, uma equipe feminina. O projeto foi aprovado em julho na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher e, agora, está em debate na Comissão de Constituição e Justiça. Mas a defesa das vítimas de violência, pondera a parlamentar, deve ir muito além das medidas protetivas. "Se não houver políticas para assegurar a empregabilidade e autonomia dessas mulheres, assistência médica adequada e campanhas de conscientização sobre os limites das relações, tudo isso acaba tendo pouca efetividade."

Fundadora do Me Too Brasil, a advogada Marina Ganzarolli avalia que a Lei Maria da Penha é uma das legislações mais avançadas do mundo. Ainda assim, o Brasil patina na redução da mortalidade de mulheres e ocupa o quinto lugar no *ranking* mundial de feminicídios, atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. "Não é aceitável, porque esse é um crime totalmente evitável", afirma. "Quando uma mulher chega na delegacia, é comum ser questionada sobre onde estava, que roupa estava usando. Mas, se um homem é roubado, o delegado não pergunta por que ele tinha um Rolex ou andava sozinho à noite, isso é revitimizar quem sofre a violência."

Um dos nós existentes para a correta aplicação da lei são as Unidades Judiciárias Especializadas, também chamadas de Varas de Violência Doméstica e Familiar. A advogada Larissa Cunha, mestre em Direito Processual pela USP, afirma que, das mais de 150 existentes no País, pouquíssimos respeitam a "competência híbrida da lei". Hoje há um foco excessivo na punição criminal, enquanto outros aspectos são negligenciados, avalia. "Existem demandas cíveis, como separação ou divórcio, guarda dos filhos, pagamento de pensão, além de medidas protetivas imediatas, como encaminhar a família para uma casa-abrigo, antes de avançar para a responsabilização do agressor."

Para Maria da Penha, a farmacêutica vítima de violência doméstica que empresta seu nome à lei, há muito para avançar no exercício pleno da cidadania e no livre acesso à Justiça para as mulheres. Em uma mensagem gravada em vídeo, ela acrescenta: "Mesmo diante de grandes desafios, eu acredito na força da integração das competências de todas e todos que atuam em defesa dos direitos das mulheres. Eu acredito na força do bem, do bem que gera ações libertadoras, promove a esperança e concretiza os sonhos de quem quer viver para ser feliz. Acredito no fim do feminicídio e continuarei a me unir a quem também acredita. Lutarei sempre ao lado de quem também luta". •

Todos contra Paes

RIO DE JANEIRO Com chances de vencer as eleições no primeiro turno, o prefeito será alvo da esquerda à extrema-direita

POR MAURÍCIO THUSWOHL

A história ensina que nenhuma eleição é ganha de véspera, mas somente uma reviravolta inédita no Rio de Janeiro parece capaz de impedir a vitória de Eduardo Paes, do PSD, na disputa para a prefeitura em outubro. Com 49% das intenções de voto, segundo uma pesquisa da Quaest divulgada na última semana de julho, o atual prefeito por enquanto navega em águas tranquilas rumo ao seu quarto mandato, mas, no que depender de seus dois principais adversários, tudo pode mudar com o início da campanha eleitoral. À esquerda e à direita, respectivamente, os deputados federais Tarcísio Motta, do PSOL, e Alexandre Ramagem, do PL, traçaram estratégias para conquistar parte do heterogêneo eleitorado de Paes e chegar ao segundo turno, no qual, ao menos em tese, tudo pode acontecer.

O trunfo na manga de Ramagem, que aparece com 13% das intenções de voto, atende pelo nome de Jair Bolsonaro. Na mesma pesquisa, quando associado ao ex-presidente, o candidato do PL salta para 30%, diminuindo consideravelmente a vantagem de Paes. Alvejado, antes mesmo de a campanha começar, pelas investigações da Polícia Federal sobre a estrutura paralela de arapongagem montada na Agência Brasileira de Inteligência sob sua chefia, Ramagem, garante a direção do PL no Rio, passou incólume junto ao eleitorado bolsonarista, mais atento às bandeiras de costumes e de segurança pública erguidas pelo candidato.

A estratégia de colar Ramagem em Bol-

sonaro no maior número possível de atividades de rua teve início em julho, com uma intensa agenda nos logradouros por bairros das zonas Norte e Oeste do Rio. Cuidadoso para não configurar o que naquela altura seria campanha antecipada, Bolsonaro evitou pedir votos ao microfone, mas deixou claro que Ramagem é o seu candidato: "Esse delegado da Polícia Federal, que eu conheço desde 2018, já começa a pagar um preço alto pela sua ousadia de querer administrar essa cidade com respeito, honradez e orgulho", disse, em referência às investigações da PF. Já Ramagem, para delírio da audiência, prometeu "revitalizar a Guarda Municipal e transformá-la em "polícia armada".

Curiosamente, a maior ameaça à candidatura de Ramagem parece ter vindo do próprio Bolsonaro, que, segundo fontes do PL, teria ficado furibundo ao saber pela imprensa que a reunião na qual pede a ajuda da Abin para salvar a pele do filho Flávio Bolsonaro, enredado no escândalo da rachadinha, havia sido gravada. O ex-capitão, no entanto, teria sido convencido "a dar uma nova chance ao rapaz", até porque encontrar outro candidato viável agora seria praticamente impossível para o PL, a lembrar que o delegado já é o plano B do bolsonarismo no Rio, após o naufrágio da pré-candidatura do ex-general Walter Braga Netto.

Outra meta estratégica de Ramagem é conquistar uma fatia maior do eleitorado evangélico, segmento no qual tem 21% das intenções de voto. Nessa disputa, o candidato do PL já começa perdendo para Paes, que utilizou seu acesso "por cima" aos líderes da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus

Chapa puro-sangue. Em busca da reeleição, o candidato esnoba o apoio de Lula e exclui o PT da definição de seu vice. O escolhido é Eduardo Cavaliere, do PSD

RICARDO STUCKERT/PR E REDES SOCIAIS/ALERJ

para, sucessivamente, abortar os arranjos para que as deputadas estaduais Rosane Félix, do MDB, e Tia Ju, do Republicanos, ocupassem o posto de vice na chapa do PL. O próprio partido acabou escolhendo outra deputada, Índia Armelau, para ser a número 2: "É uma mulher que cumpre nossos valores de respeito à vida e à família", postou Ramagem. Procurado por *CartaCapital* para comentar a estratégia eleitoral do partido, o presidente do PL, deputado federal Altineu Côrtes, não respondeu até o fechamento desta edição.

O atual prefeito tem 41% das preferências no eleitorado evangélico. Mas seu empenho em acenar ao bolsonarismo, traduzido no convite ao depurado federal Otoni de Paula, do MDB, para integrar a coordenação de campanha, é um dos motivos alegados por uma dissidência do PT, liderada pelo deputado federal Lindbergh Farias, para declarar apoio ao candidato do PSOL. A união da militância da "verdadeira esquerda" que, nesse caso, abrangeria também grupos no PCdoB, no PSB e no PDT, já que nenhum desses partidos tem candidato próprio, ao contrário de outras eleições, é a principal aposta estratégica de Tarcísio Motta para ultrapassar os 30%, beliscar um naco do eleitorado de Paes e garantir lugar no segundo turno. O candidato aparece com 7% na pesquisa Quaest e, ao menos oficialmente, em que pese o apoio da Rede e do PCB, também teve de se contentar com uma chapa puro-sangue, com a deputada federal Renata Souza como vice.

A *CartaCapital*, Motta afirma que, apesar de os tempos serem outros, a militância ainda pode fazer a diferença: "Essa é a nossa aposta. Hoje, o PSOL é o maior partido de esquerda do Rio. Elegemos a maior bancada de vereadores em 2020, quando fui o vereador mais votado. Em 2022, elegemos cinco deputados estaduais e cinco federais. A minha vice é a deputada mais votada da história da Alerj. Nunca tivemos um início de campanha tão bom, nem em 2012, quando ficamos em segundo lugar, nem em 2016, quando fomos para o segundo turno. O cenário eleitoral é promissor". Outra estratégia do candidato do PSOL é a "identificação natural" com o presidente Lula: "Estamos construindo uma frente popular com os que foram para as ruas defender o programa do Lula em 2022. Somente nossa candidatura irá assumir os princípios e valores que uniram os setores progressistas da cidade na última eleição contra o fascismo. Vamos tirar a extrema-direita do segundo turno", afirma, revelando outra aposta no discurso de campanha. A presença de Lula em seu palanque é sonho realizável? "Já fizemos esse convite ao presidente."

A vereadora Monica Benicio afirma que a principal tarefa do PSOL é impedir que "a política do ódio" avance. "A única forma de o campo progressista derrotar a extrema-direita ainda no primeiro turno é votando no Tarcísio. Fizemos um chamado à frente de esquerda porque acreditamos que é a saída para enfrentar o bolsonarismo no seu berço. Formamos uma aliança com todos os principais movimentos sociais, com os setores em luta da nossa cidade", afirma. Benicio avalia que o voto em Paes não é um voto antifascista: "O prefeito tenta posar de democrático e instrumentaliza os receios legítimos da população carioca, que viveu quatro anos de uma prefeitura liderada pela extrema-direita, com Marcelo Crivella. Foi aqui que o ovo da serpente foi gestado, e é aqui que ele será aniquilado por uma frente de esquerda democrática e programática. Paes não tem compromisso com a derrota do bolsonarismo".

Paes parece seguro da vitória a ponto de

Laços. Lindbergh Farias lidera dissidência petista que apoia Tarcísio Motta, do PSOL. O capitão parece ter perdoado o ex-chefe da Abin, que o expôs em uma gravação

Ramagem conta com o padrinho Bolsonaro para levar a disputa ao segundo turno

PABLO PORCIUNCULA/AFP E ARQUIVO/CÂMARA RJ

esnobar o apoio de Lula – associação que o faz cair para 46% nas intenções de voto, segundo a pesquisa Quaest – e na última hora rifar o PT na formação da chapa, para surpresa de ninguém. Esta veio no próprio PSD, com a escolha do deputado estadual e ex-chefe da Casa Civil municipal Eduardo Cavaliere em detrimento do braço-direito político do prefeito, o deputado federal Pedro Paulo, às voltas com o vazamento de um vídeo íntimo que certamente seria usado pelos adversários na campanha e pesou na decisão. Em todo caso, o mais importante para Paes nessa movimentação foi assegurar que alguém de seu grupo político mais próximo ocupe a prefeitura quando ele deixar o cargo para concorrer ao governo estadual em 2026.

Presidente municipal do PT, Tiago Santana diz que, para o partido, "o principal é o projeto do presidente Lula, que está governando o Brasil e precisa fazer com que essa aliança mais ampla nacionalmente também chegue aos municípios". No caso do Rio, acrescenta, as decisões políticas estão claras: "Paes é uma figura com peso nacional. Está fazendo um cálculo mais individual, se vai ser candidato a governador ou não, e por isso quer alguém no posto de vice para dar continuidade aos seus projetos. O PT topou, mas conseguimos o compromisso dele para que esteja com a gente no projeto central, que é a reeleição de Lula, de governança agora e de renovação do Congresso em 2026". O dirigente afirma não temer que o partido fique escondido durante a campanha. "É pouco provável, porque vai ser uma eleição polarizada. Paes tem larga vantagem, mas o bolsonarismo ainda tem força e isso vai esgarçar mais essa polarização. Então vai ser o bloco do Bolsonaro de um lado e o bloco do Lula de outro. Lula ainda vai ser um elemento central nessa disputa eleitoral."

O PT espera aumentar sua bancada na Câmara, hoje com quatro vereadores: "Nossos cálculos são de uma atuação e um investimento para pelo menos eleger seis vereadores nossos e mais um ou dois da federação, juntamente com PCdoB e PV", diz Santana, que também tentará estrear na Câmara. O petista ainda minimiza a dissidência em apoio ao PSOL: "É uma parte muito pequena que tomou essa decisão. É uma pena porque quem faz isso acaba trabalhando contra o partido. Tarcísio tem os candidatos a vereador do PSOL e não vai ajudar quem é de fora. O PT está com Paes oficialmente, aí aparecem petistas apoiando outra chapa, o eleitor fica confuso. Não ajuda ninguém".

Ex-secretária de Meio Ambiente de Paes e uma das puxadoras de votos do PT, a vereadora Tainá de Paula diz acreditar que o partido dobrará sua bancada: "Em 2020, a conjuntura era muito difícil, isso fez com que o PT tivesse um resultado insatisfatório. Agora, o cenário é outro. O antipetismo ainda está presente, mas muito menor do que há quatro anos. Temos candidatos que participaram do governo Paes, figuras que têm agora seus nomes colocados num espectro mais amplo do cenário político local. Isso fará com que, naturalmente, o resultado da chapa seja maior".

Pelo cano

ARTIGO A privatização do saneamento é um péssimo negócio para os consumidores, atestam experiências internacionais

POR TAMARA ZAMBIASI*

No fim de julho, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, bateu o martelo da privatização da Sabesp, a maior companhia de saneamento do Brasil e a terceira maior no mundo. A ocasião seguiu a oferta pública de 15% de ações da companhia, arrematadas, sem concorrentes, pelo consórcio liderado pela Equatorial Energia com a proposta de 67 reais por ação, um valor aproximado de 7 bilhões de reais.

No dia da transação, os papéis da Sabesp eram negociados na Bolsa a 74,97 reais. Apenas isso bastaria para caracterizar um grande negócio para os compradores da empresa. Contudo, uma análise mais minuciosa revela que os benefícios dessa negociação vão além das cifras imediatas, favorecendo amplamente o mercado financeiro, mas potencialmente comprometendo a qualidade dos serviços prestados aos consumidores. Esse cenário levanta sérias preocupações sobre o impacto de tais transações na sustentabilidade e na eficiência de um serviço público essencial.

A privatização da Sabesp é defendida pelo governo de São Paulo como uma forma de acelerar a universalização do saneamento. Com um valor de mercado de 50 bilhões de reais e lucro de 3,5 bilhões apenas em 2023, a empresa atende 58% dos municípios paulistas, com os melhores índices de cobertura de abastecimento de água e coleta de esgoto do País – 98% e 93%, respectivamente. Para chegar nesse patamar, a companhia manteve um programa de investimentos estável ao longo dos anos, com valores na faixa de 5 bilhões de reais anuais. Com isso, a meta de universalização dos serviços em 2033 seria alcançada sem necessidade de privatizar a empresa.

O estudo apresentado em 2021 à Agência Reguladora de Serviços Públicos do Estado de São Paulo, a Arsesp, delineando a capacidade financeira da Sabesp para investir 47,5 bilhões de reais até 2030, reforça a viabilidade dessa meta. Esse planejamento financeiro demonstra que a companhia possui os recursos e a estratégia necessária para expandir e aprimorar seus serviços, garantindo que a universalização do saneamento seja atingida dentro do prazo estipulado.

O novo arranjo acionário da Sabesp, agora controlada pela Equatorial Energia, traz à tona importantes questões sobre a sustentabilidade financeira e operacional da empresa. Embora seja uma empresa com ações listadas nas Bolsas de Valores brasileira e americana, a Sabesp, ao longo dos anos, conseguiu equilibrar o ímpeto rentista com seu caráter público, mantendo uma política de dividendos que assegurava que parte significativa dos lucros fosse reinvestida na própria empresa para possibilitar a universalização dos serviços de saneamento. Esse equilíbrio era garantido pelo estatuto da companhia, que limitava o pagamento de dividendos ao mínimo exigido pela Lei das Estatais, de 25%. Essa abor-

> **A Sabesp tinha plenas condições de universalizar seus serviços antes de ser entregue à iniciativa privada**

Subvalorizada. O governo paulista vendeu cada ação por 67 reais, enquanto os papéis eram negociados na Bolsa por um preço superior, 74,97 reais

SABESP/GOVSP E MÔNICA ANDRADE/GOVSP

dagem permitia maiores investimentos e menor endividamento, atendendo às necessidades de expansão e melhoria dos serviços sem comprometer a saúde financeira da Sabesp.

Contudo, a recente aprovação de uma nova política de dividendos, a assegurar um pagamento escalonado de até 100% dos lucros aos acionistas até 2030, representa uma mudança significativa na es-

tratégia da empresa. Essa decisão, tomada pelo Conselho da Sabesp às vésperas da oferta pública que concedeu o controle da companhia à Equatorial Energia, levanta preocupações sobre o impacto dessa política na capacidade da empresa de continuar investindo em infraestrutura e serviços. A nova política sinaliza uma priorização de retornos imediatos aos acionistas em detrimento de investimentos a longo prazo necessários para a universalização dos serviços de saneamento.

O Grupo Equatorial apresenta-se como uma plataforma de investimentos líder em *utilities*, ou seja, serviços essenciais de infraestrutura. Na sua composição acionária estão fundos de investimento, como o Capital World Investors e o Blackrock, assim como o fundo de pensão canadense CPPIB, já conhecidos investidores institucionais da Sabesp. A nova configuração não apenas reforça a participação de investidores estrangeiros na companhia e sua inserção nas redes financeiras globais. Ela também aprofunda a integração da Sabesp com mercados internacionais, tornando-a mais suscetível a crises econômicas globais e variações cambiais, impactando custos operacionais e capacidade de investimento.

O governo britânico quer a reestatização da Thames Water, acusada de fazer despejos ilegais de esgoto e cobrar tarifas extorsivas

Com um alto índice de alavancagem financeira, no último ano a Equatorial se desfez de ativos na área de energia elétrica para adequar sua "estrutura de capital a eventuais oportunidades nas avenidas de geração de valor em que atua", sendo a operação mais recente a venda da Equatorial SPE 7, linha de transmissão localizada no Pará, dias após a aquisição das ações da Sabesp. A estratégia do Grupo Equatorial sugere que, se necessário, a longo prazo a Sabesp poderia enfrentar decisões de desinvestimento em áreas não essenciais ou menos rentáveis, visando oportunidades de mercado.

Nova controladora. A Equatorial Energia não tem *expertise* na área de saneamento

Em reunião com investidores, dias antes de arrematar as ações da Sabesp, a Equatorial Energia informou que pretende transformar a companhia paulista em seu "veículo exclusivo" para investimentos em saneamento. A apresentação destaca a intenção de expandir a atuação da Sabesp para outros estados e disputar licitações e concessões, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, capitalizando sobre o baixo endividamento da Sabesp para adquirir novos financiamentos e ampliar a presença da Equatorial no mercado de saneamento. Tal movimento pode desviar o foco da Sabesp de sua missão primordial de universalizar os serviços no estado de São Paulo, potencialmente sobrecarregando a empresa com novos projetos e riscos financeiros adicionais, o que poderia comprometer a sua estabilidade financeira e a eficiência operacional, afetando negativamente a qualidade do atendimento aos consumidores.

A experiência internacional mostra os riscos pertinentes a esse tipo de arranjo. A companhia de saneamento Thames Water, na Inglaterra, dá pistas de um futuro não tão dourado. Privatizada em 2001 com a compra das ações pela alemã RWE,

Exemplo. Apesar da baixa qualidade dos serviços prestados, a Thames Water é generosa na distruibuição de dividendos

REDES SOCIAIS/THAMES WATER E REDES SOCIAIS/EQUATORIAL ENERGIA

em 2006 o controle da companhia passou a um consórcio de investidores liderado pela Macquarie Capital Funds, empresa australiana conhecida como "vampiro canguru" por suas práticas de mercado agressivas. Na última década, a Thames Water tem protagonizado escândalos de despejo ilegal de esgoto, baixa qualidade da água e aumentos expressivos das tarifas aos consumidores. Ao mesmo tempo, a companhia é uma generosa pagadora de dividendos. Apenas neste ano, os acionistas receberam o equivalente a quase 1 bilhão de reais em pagamentos.

O anúncio do valor histórico veio horas antes de a companhia solicitar um auxílio financeiro emergencial para continuar as atividades, diante de um endividamento que tem levantado dúvidas sobre a capacidade da Thames Water de seguir com as operações. Atualmente, o governo britânico discute a renacionalização da companhia de forma emergencial, com altos custos para a administração pública.

O modelo de privatização da Sabesp em muito se assemelha ao da Thames Water, que contava com um acionista de referência pelos primeiros anos com a finalidade de garantir a operacionalidade da empresa. No modelo de governança proposto pelo governo paulista, a Equatorial, com apenas 15% das ações, terá direito a três das nove cadeiras no Conselho de Administração, com a prerrogativa de indicar também os três membros independentes, o presidente do Conselho e o CEO da empresa. Referendar as decisões pró-mercado a partir desse arranjo não parece ser um problema.

Nesse sentido, a privatização da Sabesp pode aumentar a pressão financeira sobre a empresa, forçando-a a alcançar resultados financeiros positivos a qualquer preço e, possivelmente, aumentando seu nível de endividamento. Como garantir o equilíbrio entre os interesses financeiros e públicos será o ponto crucial para assegurar que a Sabesp continue cumprindo seu papel de fornecer serviços de saneamento de qualidade à população, sem comprometer sua viabilidade econômica e operacional. A nova configuração acionária e a política de dividendos exigirão uma gestão extremamente cuidadosa, para evitar que o foco em rentabilidade comprometa a missão pública e os compromissos sociais da companhia. •

**Doutoranda em Geografia e mestre em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido, onde pesquisa a financeirização da água e do saneamento básico no Brasil.*

Máquina verde

ENTREVISTA Luiz de Mendonça revela a estratégia da Acelen para disputar o bilionário mercado de biocombustíveis para aviação

A CARLOS DRUMMOND

Empresa de energia do fundo global de gestão de ativos Mubadala Capital, com sede em Abu Dabi, a Acelen, antiga Landulpho Alves de Mataripe, que responde por 15% do parque de refino no País, é a única grande refinaria de petróleo que não faz mais parte do Sistema Petrobras. O CEO Luiz de Mendonça, com 30 anos de experiência internacional em companhias dos setores químico, petroquímico, de biocombustíveis e de energia, pretende inovar na transição energética e constrói uma biorrefinaria que utilizará óleo de macaúba. Uma das metas é entrar para valer no mercado bilionário de combustível renovável para aviação.

CartaCapital: Qual é a aposta da Acelen no Brasil?

Luiz de Mendonça: A Acelen ingressou no Brasil a partir da privatização da refinaria de Mataripe, a segunda maior do País, mas o objetivo principal era entrar no setor de energia como um todo. Tanto que o Mubadala tem hoje investimentos na Atvos, que era a minha antiga empresa de bioenergia, a segunda maior produtora de etanol de açúcar. Temos também um projeto solar recém-anunciado, no interior da Bahia. Nos últimos três anos, investimos cerca de 500 milhões de dólares em modernização e ampliação da produção de diesel, produtos especiais, parafinas, óleos lubrificantes, e isso melhorou muito a pegada de carbono e ambiental.

CC: Como surgiu o projeto de renováveis?

LM: Eu tinha acabado de criar a Acelen e, na primeira reunião do Conselho, o Mubadala perguntou como eu e a equipe víamos a transição energética e os combustíveis do futuro. Foi ali que o projeto da Acelen Renováveis nasceu. Eu apresentei um plano para construir uma segunda planta industrial, do tipo Hydroprocessed Esters and Fat Acids (HEFA), ou Ésteres e Ácidos Graxos Hidroprocessados), uma tecnologia dominada que usa oleaginosas. É parecida com uma planta de diesel e de querosene de aviação tradicional, com hidrogênio e tudo mais, só que processa uma variedade de óleos vegetais, óleo reutilizado, gordura animal e outras fontes de energia renováveis não fósseis. Definimos que a planta seria alimentada a partir do agronegócio brasileiro.

CC: Onde entra a macaúba?

LM: Em nossa pesquisa, encontramos o

Apetite. O interesse do fundo Mubadala extrapola a compra da Landulpho Alves

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 34

Análise. O tropeço da Bolsa do Japão é fruto dos instáveis movimentos de capitais privados

que parece ser a matéria-prima ideal, que é a macaúba, uma árvore frutífera nativa, todo brasileiro já viu, mas não identifica. Seu fruto, quando processado, produz de sete a dez vezes mais litros por hectare de óleo vegetal do que a soja. Com a casca e a polpa, é possível produzir mais energia, biocarvão e outras coisas. A planta é 90% energia. É resiliente, exige menos água, é mais robusta. Nossa ideia é criar florestas perenes em terras e pastos degradados, com viabilidade econômica muito baixa para qualquer outra cultura, no sertão da Bahia, no semiárido, em áreas muito pobres. Essas florestas produzirão por cerca de 40 anos e, no seu processo de crescimento, haverá captura de carbono.

CC: Quais são as suas ideias em relação à transição energética?

LM: O conjunto de alternativas renováveis é vasto e não há nenhuma solução que dê conta de tudo. O período de transição está encurtando, há investimentos no mundo todo. No caso do transporte terrestre, há várias soluções. No Brasil, há etanol, biodiesel, combustíveis verdes. O setor de transportes produz 23% das emissões globais. Dentro desse setor, a aviação é 12%. Para as aeronaves, é difícil pensar em uma solução para substituir o combustível fóssil que não seja o Sustainable Aviation Fuel (SAF). Hoje não é possível um avião voar com bateria elétrica abastecida com energia solar, estamos há décadas de uma solução dessas, sobretudo para aviões de grande porte. A solução é o SAF. Construir e operar uma planta industrial HEFA, para produção de diesel e querosene sustentável de aviação, é fácil, o problema é obter as matérias-primas renováveis, sem que isso resulte em concorrência com a produção de alimentos. O cálice sagrado na transição energética é encontrar as fontes de energia renováveis alternativas, que vão abastecer as plantas industriais de produção de combustíveis.

REDES SOCIAIS/ACELEN E ARQUIVO/MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO

Missão. Ele conduz a transição energética na segunda maior refinaria de petróleo do País

Economia

CC: Vários economistas apontam para o risco de o Brasil repetir, na transição energética, o seu papel histórico de produtor de *commodities* e deixar a agregação de valor para outros países, em prejuízo do desenvolvimento da indústria local.

LM: O nosso biocombustível não será uma *commodity*, a cadeia será muito controlada, com rastreabilidade completa. Saberemos exatamente de onde veio, qual é a pegada de carbono de cada gota de combustível renovável ao longo de toda a cadeia. Não vou produzir óleo para exportar óleo. Ao contrário, a grande criação de valor está na integração do agro com o industrial e o último elo da cadeia é essa transformação em combustível. O segredo, ou a grande chave de valor, é a matéria-prima renovável. O país que tiver condições de dominar a equação da matéria-prima é que vai criar valor, que vai estar capturado nessas matérias-primas. Não estamos investindo só no agronegócio, teremos uma planta de última geração, de escala mundial, que vai produzir combustível renovável no Brasil.

CC: Como está direcionado o investimento em tecnologia?

LM: Estamos domesticando, desenvolvendo a macaúba, investindo em um centro de inovação e tecnologia agroindustrial, que já está em construção, no qual faremos germinação, seleção e produção de sementes, viveiro, produção de mudas, que irão para as nossas fazendas. Já investimos perto de 80 milhões de dólares no projeto, temos uma equipe de cem pessoas dedicadas, firmamos parceria com a Embrapa, a Esalq, as universidades de Viçosa, California-Davis e California-Cornell e o Instituto Fraunhofer, da Alemanha. São instituições que ou já vinham estudando o potencial da macaúba ou são líderes em genética ou inovação de ponta no agronegócio. Estamos na fase final da engenharia da planta. O primeiro investimento, ao longo de dez anos, é de cerca de 3 bilhões de dólares, com a criação de até 90 mil empregos e abastecimento em até 30% da macaúba plantada por pequenos produtores. Forneceremos as sementes e daremos treinamento. A planta começará a funcionar em 2027, inicialmente com óleo de soja.

CC: Qual é o papel das instituições brasileiras de pesquisa no desenvolvimento da macaúba?

LM: A Universidade Federal de Viçosa trabalha há 20 anos na domesticação da macaúba e construiu o maior banco de germoplasma do mundo para a espécie. O acordo com a Acelen prevê um investimento de 5,7 milhões de reais em melhoramento genético, balanço de carbono no sistema e sistema de cultivo e nutrição mineral. A parceria com a Esalq-USP prevê o plantio experimental das mudas, além da avaliação do ciclo de vida da planta.

CC: Como o projeto será financiado?

LM: A Petrobras é um potencial investidor interessado, mas temos investido-

Desafio. Busca-se transformar a macaúba nativa em uma espécie ainda mais produtiva

Ambição. A Acelen tem planos de produzir um combustível sustentável de aviação mundialmente competitivo

res no mundo inteiro, além do Mubadala Capital, para financiar o projeto.

CC: Os EUA e a Europa concedem enormes volumes de incentivos para a transição energética. Por que há tanta resistência no Brasil?

LM: Criou-se a mentalidade de que qualquer incentivo governamental ou subsídio, que virou palavrão, é ruim. Possivelmente, porque no passado se abusou desse tipo de instrumento para beneficiar setores que não faziam sentido. Mas isso é história. Aqui estamos falando de um setor em que o Brasil pode ser o líder mundial. Os incentivos europeus e americanos existem justamente porque, de outro modo, eles não conseguirão competir. Acho que a solução passa por incentivos à inovação, regulamentação do mercado de créditos de carbono, ter as regras e os seus mecanismos de operação muito claros, fiscalização robusta para não deixar que as pessoas sérias, que fazem tudo certo, sejam prejudicadas pelos aproveitadores, que não tenham a cadeia toda certificada ou não paguem seus impostos.

> "O cálice sagrado na transição energética é encontrar fontes de energia renováveis alternativas", afirma

CC: Qual é o pulo do gato?

LM: É desenvolver uma matéria-prima, a macaúba, como estamos fazendo, do zero, de uma planta nativa para outra ainda mais produtiva, em alta escala. O ponto alto do nosso projeto é inovação, ciência, e não é nem química, é biologia, é genética. É preciso focar na criação de mecanismos para o Brasil investir nas soluções inovadoras, correr esse risco. Talvez com um programa de incentivo à inovação energética, que é possível fazer via Finep ou BNDES. O banco está superinteressado no nosso projeto, que vê como um projeto de ruptura.

CC: Segundo o noticiário, a avaliação da Petrobras quanto à aquisição de participação acionária e investimentos futuros conjuntos na Refinaria de Mataripe e na Acelen Energia Renovável está em fase final.

LM: Não cabe a mim comentar a respeito de negociações entre o Mubadala e a Petrobras. Entendemos que são discussões separadas, uma coisa é a discussão em torno da refinaria, outra é o eventual interesse em ter um investimento na Acelen Renováveis. Acho que não estão necessariamente ligados.

CC: O que o senhor tem a dizer a respeito das informações reiteradas de que Salvador tem um dos preços da gasolina e do diesel mais altos do Brasil, com múltiplos reajustes após a privatização que provocaram um efeito cascata?

LM: Reajustamos os preços semanalmente, de acordo com uma lógica de mercado. A gente só aparece nas manchetes quando sobe, ninguém dá notícia quando desce. Os nossos preços levam em conta a competição local, mas, sobretudo, o fato de que eu compro petróleo a preços internacionais, até com prêmio sobre esse valor. Somos competitivos, nossos preços têm fórmula conhecida, previsibilidade. É importante não confundir o preço na bomba com o preço pelo que eu vendo. O meu preço é o da refinaria para o distribuidor. •

ISTOCKPHOTO E REDES SOCIAIS

O cachorro abana o rabo

CÂMBIO A crise iniciada no Japão revela o caráter desestabilizador dos capitais inflados pelos derivativos locais

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO E MANFRED BACK

O artigo da terça-feira 6 na *Folha de S.Paulo*, do jornalista José Paulo Kupfer, teve a saudável ousadia de explicar o papel dos mercados futuros – derivativos – nas fortes flutuações do câmbio no Brasil.

Peço licença para discordar do refrão reproduzido pelo competente jornalista, "o rabo abana o cachorro". Não se trata de o rabo abanar o cachorro. É o rabo do cachorrão-dólar que move o cachorrinho real.

Talvez possa ser conveniente designar a concentração das posições "compradas" na moeda de Tio Sam no mercado futuro de câmbio em Terra Brasilis como "fuga para dentro". Correm para o dólar, operando em reais.

Na segunda-feira 5 de agosto, o mercado acordou com uma queda de 12% da Bolsa japonesa, o pânico nas praças financeiras espalhou-se cheio de dúvidas. Recessão americana ou Circuit Breaker mental?

Nas mentes menos evoluídas surgiram lembranças da crise *subprime* de 2008. Alguma semelhança? Já escrevemos ancorados na ousadia dialética que as crises financeiras são iguais em suas diferenças.

Na trapalhada da segunda-feira ocorreu uma desalavancagem brusca de operações de *carry trade* em ienes! Não era pouca coisa. Ao longo do período de juros nominais negativos em ienes – informam as instituições de análise financeira – valia a pena endividar-se na moeda japonesa e deitar a grana em operações com taxa de juros mais atraentes ou perspectivas de ganhos mais parrudas. Os cálculos apontam um valor de 20 trilhões de dólares negociados ao longo dos anos sob a tentação do diferencial de juros.

Em uma operação de *carry trade*, toma-se emprestado dinheiro no país com taxa de juros baixa e aplica-se onde a taxa de juros for mais alta. Essa é a operação tradicional, procura-se ganhar na arbitragem de taxas de juro. Em bom português, diziam nossos avós, trata-se de apostar na diferença. Com iene fraco e taxas nominais e reais negativas por quase dez anos, era como bater em morto, captar dinheiro em ienes com 3% ao ano e procurar investir no resto do mundo a taxas reais positivas.

O BC não interveio porque não há uma fuga clássica de capitais, não foram abaladas as reservas

O dinheiro barato a 3% ao ano no Japão, aplicado a qualquer ativo que renda pelo menos o dobro, rende 100%, não é uma maravilha? Mas, se a taxa sobe no Império do Sol Nascente, o diferencial cai, e aí é um salve-se quem puder!

Trilhões de dólares se espalharam pelo mundo financeiro com essas operações de alavancagem. E a ideia de que o futuro repete o passado, que nada vai mudar, traz como consequência a expansão do volume dessas operações. Elas expandem-se exponencialmente movidas por um efeito-manada, "ganho fácil"!

Quem está fora quer entrar, quem está dentro não quer sair! As operações nos mercados futuros e de opções ateiam gasolina ao fogo nos períodos de alta e, na baixa, jogam mais água do que o necessário na fervura.

"O aumento do iene alimentou especulações sobre se isso poderia marcar o fim do popular chamado *carry trade* – em que um investidor toma emprestado em uma moeda com baixas taxas de juro, como o iene, e reinveste os lucros em uma moeda com uma taxa de retorno mais alta (CNBC)."

Bastou um movimento do Banco Central japonês de aumentar a taxa de juros e valorizar a sua moeda, para o diferencial do *carry trade* encolher, e aí todo mundo quer sair, ninguém quer entrar! Um efeito manada de desalavancagem agressiva! Moral da história, correção de ativos financeiros ao redor do mundo. Desconfiamos que, no período de *carry trade* apetitoso, muitas operações saíram do tédio das posições papai-mamãe tradicionais e partiram para posições mais excitantes, troca-troca de taxa de juros japonesa, com criptomoedas, ações e derivativos!

"Primeiramente, o agressivo Banco do Japão causou uma implosão do *carry*

RICHARD A. BROOKS/AFP

Achado. O dinheiro barato a 3% ao ano no Japão, aplicado em qualquer ativo que renda ao menos o dobro, rende 100%, não é uma maravilha? Mas se a taxa sobe…

trade em uma base de curto prazo. Também tivemos dados ruins na manufatura dos EUA e alguns subindicadores de emprego que assustaram os mercados", disse Cedric Chehab, consultor-chefe do banco BMI ao *Street Signs Asia* da CNBC na sexta-feira.

No Brasil, muitos analistas e economistas estão espantados porque a autoridade monetária não fez intervenções no mercado de câmbio.

Atenção, galera: não há uma fuga clássica de capitais, não foram abaladas as reservas brasileiras em moeda estrangeira. A novidade, nem tão nova, são 78 bilhões de reais em posições de dólar futuro no mercado de derivativos, *hedgeados* diariamente em reais! Uma fuga para dentro!

Nas últimas duas décadas, não escassearam provas da natureza instabilizadora dos movimentos de capitais privados, incapazes de se comportar de acordo com as prescrições dos manuais de economia internacional. Quando abraçam as moedas frágeis dos países emergentes, os capitais apaixonados exageram nas juras de amor. As moedas se valorizam e reduzem a competitividade das exportações e estimulam perigosas incursões no mundo das operações com derivativos. Com o mesmo fervor, os capitais abusam do desprezo no momento em que decidem abandonar a presa. Por isso causam estragos na autoestima da vítima, que se entrega aos desesperos das crises cambial e financeira.

Depois dos anos 70 do século passado, a reconfiguração institucional da finança capitalista acirrou a concorrência entre os bancos e demais instituições na atração da clientela e aprisionou as empresas nas estratégias financeiras mais ousadas. Os gestores de portfólios – bancos de investimento, fundos mútuos e fundos de pensão – trataram de atrair os investidores e vencer a corrida pelo melhor desempenho. Os administradores de carteiras abriram espaço para operações com derivativos. Lastreados em ativos de maior risco, os derivativos passaram a governar os balanços das instituições a partir de estratégias mais ousadas.

A criatividade dos mercados concentrou-se, sobretudo, nas tentativas de reduzir os riscos de mercado, isto é, proteger-se contra variações abruptas dos preços dos ativos e, portanto, minimizar as perdas de rendimento ou de capital.

Os chamados derivativos são considerados instrumentos de repartição de risco. Dizem os sabidos dos mercados financeiros que sua existência sob forma padronizada, em mercados específicos, amplia as possibilidades de proteção dos agentes. Mas, como é óbvio, não eliminaram o risco, mas agregaram a possibilidade de flutuações mais intensas na precificação dos ativos. Os instrumentos transacionados nos mercados de futuros ou de opções não podem neutralizar o chamado risco sistêmico, quando irrompe uma flutuação generalizada e não antecipada nos preços dos ativos subjacentes. •

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

Economista, foi vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento, estabelecido pelos BRICS em Xangai, e diretor-executivo no FMI pelo Brasil e mais dez países

A Venezuela contra o Império

▶ É preciso deixar esse país resolver sem interferência estrangeira os seus problemas políticos e econômicos

Uma coisa me parece certa, leitor ou leitora: é fundamental entender que a Venezuela sofre a cobiça dos Estados Unidos e outras nações imperiais. Para eles, o que interessa é o acesso o mais livre possível aos imensos recursos naturais venezuelanos, petróleo e gás destacadamente. E para esse fim nada melhor, nada mais eficaz do que ter em Caracas fantoches e títeres, como os da oposição a Nicolás Maduro.

Cabe reconhecer, claro, que o presidente Maduro às vezes toma decisões duvidosas, para dizer o mínimo. Um exemplo marcante: a pretensão de incorporar à Venezuela mais da metade do território da Guiana. Isso criaria uma confusão na América do Sul e, mais amplamente, nos outros países da América Latina e do Caribe. A América do Sul é uma região de paz desde a Guerra das Malvinas, em 1982, e precisa continuar assim.

Uma guerra entre a Venezuela e a Guiana não abriria caminho para uma intervenção americana direta? Para que aconteça exatamente o que queremos evitar? O Brasil nunca poderia endossar um avanço da Venezuela sobre outro vizinho nosso. Isso não interessa ao Brasil, não interessa a ninguém.

À distância, é muito difícil determinar quem está mentindo e quem está dizendo a verdade sobre o resultado das eleições venezuelanas. Alguém tem credibilidade para falar sobre isso? A oposição provou algo? O governo provou? Não vamos perder de vista que diversos países que estão se arvorando a opinar não têm moral nenhuma para interferir nas eleições da Venezuela. Onde existem eleições realmente confiáveis? Nos Estados Unidos? Francamente! Para começo de conversa, alguém entende o sistema eleitoral americano? Parece que havia por aí uma dúzia de sujeitos que o compreendiam perfeitamente e sabiam explicá-lo, mas estão todos mortos ou entrevados.

Deixem, portanto, a Venezuela resolver, sem interferência estrangeira, os seus problemas políticos e econômicos! Problemas esses que foram criados, recorde-se, em larga medida pelas sanções aplicadas há muito tempo pelos Estados Unidos e seus satélites europeus. Menciono um só exemplo: o leitor ou leitora sabe que as reservas internacionais e os ativos líquidos da petroleira estatal venezuelana foram congelados e roubados por americanos, ingleses e outros? Pirataria, não há outra palavra!

Qual o papel do Brasil nesta quadra? Muitos, na direita bolsonarista, na direita neoliberal e até na esquerda, querem que o governo brasileiro se intrometa, condene as eleições venezuelanas e se distancie ou mesmo rompa com o "ditador" Maduro – epíteto raramente aplicado aos ditadores ou autocratas de países simpáticos ao Ocidente.

O Brasil dar palpites sobre a Venezuela seria um grande erro, no meu modesto entendimento. A Venezuela é um dos principais países latino-americanos, tem extensa fronteira conosco e importantes laços econômicos. Esses laços só não são maiores, recorde-se, porque a Venezuela foi suspensa do Mercosul, em 2017, no tempo de Michel Temer no Brasil e Mauricio Macri na Argentina.

Vejam como foi escandalosa a decisão: o governo golpista de Temer teve a cara de pau de invocar a "cláusula democrática" do Mercosul (um dos muitos legados sofríveis de Fernando Henrique Cardoso) para suspender a participação da Venezuela no bloco.

As relações diplomáticas foram retomadas no governo Lula. Porém, que se saiba, nada se fez até agora para readmitir o país no Mercosul. Seria mais importante trazer a Venezuela de volta do que ficar promovendo acordos neoliberais e danosos, herdados do governo Bolsonaro, como os acordos com a União Europeia, com a área de livre-comércio do resto da Europa, com a Coreia do Sul e com o Canadá.

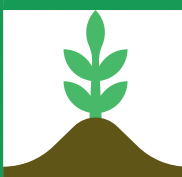
Uma palavra final sobre um aspecto da questão militar. Posso estar enganado, mas até onde posso perceber os Estados Unidos e a oposição venezuelana fantoche dificilmente derrubarão Maduro. Vamos permitir que a Venezuela caia nos braços da China e da Rússia?

Pragmaticamente, não cabe ao Brasil reconhecer a continuação do governo Maduro? Opinião controvertida, bem sei. Mas questões decisivas não são sempre objeto de controvérsias? •

paulonbjr@hotmail.com

BAPTISTÃO

Especial

PILAR VELLOSO. FOTOS: ISTOCKPHOTO

Resiliente e sustentável

A BAHIA PREPARA-SE PARA AS EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS E APOSTA NA INDÚSTRIA VERDE PARA DINAMIZAR SUA ECONOMIA

POR FABÍOLA MENDONÇA

TRANSIÇÃO ECOLÓGICA

BAHIA MAIS VERDE O governo baiano apresenta ambicioso plano para descarbonizar a economia e mitigar os impactos da crise climática mundial

Um dos estados mais castigados por eventos extremos, de grandes inundações durante o verão a processos de desertificação, a Bahia está dando um passo largo para mitigar os efeitos da crise climática, em sintonia com a Agenda 2030 das Nações Unidas. Desde o ano passado, o governo estadual vem apostando no projeto *Bahia Mais Verde*, com um olhar mais cuidadoso para as questões ambientais na implementação de políticas públicas.

Coordenado pela Secretaria de Meio Ambiente, o projeto tem uma pegada transversal, perpassando por todas as secretarias, e está dividido em oito eixos centrais: planejamento, conservação, segurança hídrica, participação social, energia limpa, resiliência, inovação e investimento. A Bahia já é líder nacional na geração de energia eólica, primeira no *ranking* nordestino de energia solar e se apresenta como um dos mais importantes *hubs* na produção de hidrogênio verde do mundo, com potencial de oferecer ao mercado mais de 60 milhões de toneladas do produto por ano.

"Ocupamos uma posição de destaque na produção de energias renováveis, temos uma natureza exuberante e alta capacidade de produção, com um mercado favorável, seja na indústria, seja no agronegócio. As ações e as políticas que integram o *Bahia Mais Verde* permitem ao estado dar novos passos nessa agenda da transição energética", ressalta o governador Jerônimo Rodrigues, que realizou diversas missões internacionais para apresentar o potencial de energia limpa da Bahia, a exemplo da viagem que fez em maio deste ano para os Países Baixos, onde participou do "World Hydrogen 2024 Summit & Exhibition", ao lado de outros governadores nordestinos.

Atualmente, a Bahia é responsável por 30% da produção nacional de energia eólica e por 20% da geração de energia solar. A matriz elétrica estadual é mais de

> O estado já tem matriz elétrica 90% renovável e é líder nacional na geração de energia eólica

90% renovável, mas o *Bahia Mais Verde* também se preocupa com o planejamento urbano e a preservação dos biomas existentes no estado. Em pouco tempo de implantação, o projeto já garantiu uma redução considerável na degradação da cobertura vegetal.

No Cerrado, na região fronteiriça com o Matopiba (a compreender frações dos territórios de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), a supressão autorizada caiu de 266 mil hectares em 2022 para 38,7 mil hectares no ano passado. No combate ao desmatamento ilegal, as ações de fiscalização integrada, a envolver órgãos ambientais do estado, o Ibama e o Ministério Público, têm se fortalecido, resultando em mais de cem autos de infração, em média, a cada nova operação. Com orçamento de 4 milhões de reais, o Programa Replantar busca recompor a vegetação de áreas degradadas e criar viveiros de espécies ameaçadas, sobretudo nas unidades de conservação.

Como desdobramento do *Bahia Mais Verde*, o governo estadual assinou um acordo com a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), que assegurou um financiamento de 25 milhões de euros para promover melhorias na gestão de recursos hídricos e mitigação dos efeitos da mudança do clima. "A ideia é trazer o meio ambiente para o centro das decisões e o grande desafio é acabar com a visão equivocada de que a nossa secretaria se resume a fazer licenciamentos. Queremos participar da construção de políticas públicas efetivas, que envolva a sociedade civil, o setor empresarial e o Poder Público, para que possamos trazer a transversalidade que a matéria tanto precisa", explica Eduardo Sodré, o secretário de Meio Ambiente do estado da Bahia.

Missão. O governador apresentou aos holandeses o potencial de energia limpa da Bahia

EUDES BENÍCIO/GOVERNO DA BAHIA E ISTOCKPHOTO

O projeto prevê a concessão de unidades de conservação à iniciativa privada, a exemplo do Parque Estadual Serra do Conduru, o qual chegou a ser apontado como o maior do mundo em biodiversidade, e o Parque do Abaeté, na Lagoa do Abaeté, em Salvador, envolvendo 7,5 milhões de reais em investimentos. Segundo o secretário, mesmo passando para as mãos do setor empresarial, essas unidades de conservação continuarão sob a supervisão e gestão do estado, uma medida que garante o fortalecimento dessas áreas. "A França é exemplo em relação à interação dos parques com o meio ambiente e a ideia é trazer algo bem parecido para o nosso estado, envolvendo preservação, agricultura familiar, turismo e educação ambiental."

O ambientalista Carlos Bocuhy, do Observatório do Clima, exalta a atenção que Paris passou a dar à emergência climática, com a meta de, até 2100, reduzir a média climática de 4 a 6 graus, modelo que vem despertando o interesse do governo baiano. "Paris está pensando num sistema de retirada de água do Rio Sena, com meios de estabelecer sistemas de refrigeração de baixo custo e que seja acessível até para os mais vulneráveis. A ideia passa a ser parte do processo construtivo da cidade", explica. "Nos grandes centros urbanos, você tem a incidência de calor devido a áreas que têm muito cimento e concreto. Com o sol quente, essas áreas se tornam insuportáveis, verdadeiros caldeirões de calor na cidade. Para quebrar isso, é preciso também impedir a verticalização nos planos diretores, que faz com que as edificações se transformem em verdadeiras montanhas artificiais, impedindo a circulação do ar, refletindo o calor para a área do entorno", completa Bocuhy. Dentro do eixo Conservação, o *Bahia Mais Verde* tem como meta a ampliação da cobertura florestal, o aumento do combate ao desmatamento e a melhora dos procedimentos administrativos de licenciamento ambiental.

No eixo Planejamento, está prevista a elaboração do Plano Estadual de Meio Ambiente e de uma legislação específica para as áreas de recursos hídricos e de gerenciamento costeiro. Essa última visa integrar as áreas de praia ao meio ambiente urbano e rural, no sentido de controlar o avanço do mar e evitar desastres provocados pela crise climática. A ideia é construir um roteiro estratégico para a conservação e uso sustentável dos recursos naturais, bem como para a mitigação dos impactos ambientais, a partir de dados e evidências científicas. Há também um olhar cuidadoso para o aumento da temperatura, principalmente no norte da Bahia, na fronteira com Pernambuco, onde algumas regiões estão em transição, migrando do clima semiárido para o árido, tornando a área suscetível à desertificação. Essa mudança ainda é pequena, a região acabou de entrar no índice de aridez, saindo de 2,1

> Com oito eixos de atuação, o projeto está alinhado à Agenda 2030 das Nações Unidas

Em regeneração. O secretário Eduardo Sodré ressalta a importância da Caatinga e da Mata Atlântica para sequestrar carbono da atmosfera

pontos para 1,9 ponto. Na escala, abaixo de 2 é considerado clima árido.

"Muda a caracterização, mas esses décimos não são percebidos na localidade no dia a dia. Para nós, gestores públicos, fica o alerta de que algo precisa ser feito, porque as mudanças climáticas estão aí", salienta Sodré, lembrando que o governo baiano tem diversas políticas públicas voltadas à convivência com o semiárido, como iniciativas para fortalecer a agricultura familiar, fornecimento de água por carros-pipa, limpeza de mananciais, oferta de alimentos e mudas, além da capacitação técnica para a comunidade.

Principal bioma do Nordeste, a Caatinga é apontada pelo governo baiano como estratégica nas políticas de descarbonização da economia. "O carbono da Caatinga não está nas árvores, mas no subsolo. Ela absorve o CO_2, que não retorna para a atmosfera, exatamente aquilo que o mundo deseja. Por isso, a necessidade de preservar esse bioma tão importante para uma população resiliente, que mora e sabe conviver naquele ambiente", salienta o secretário, acrescentando que estão em construção o Plano de Ação Climática e o Inventário de Gases de Efeito Estufa, que também têm por objetivo o gerenciamento integrado de resíduos sólidos.

Há ainda ações de regeneração da Mata Atlântica, em especial do Parque Metropolitano de Pituaçu, com investimento de 25 milhões de reais. "Vamos criar um polo de negócios regenerativos verdes, em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia. São 400 hectares de vegetação preservada para trabalhar em negócios sustentáveis com *startups*. Será uma referência do ponto de vista de preservação, dentro de um dos maiores parques urbanos do mundo", explica Sodré. O *Bahia Mais Verde* também apresenta iniciativa para garantir a proteção às espécies ameaçadas de extinção, com a catalogação dos animais que se encontram nessa situação, a exemplo da ararinha-azul-de-lear, muito comum na região de Canudos. As ações vão desde preservação, passando pela reabilitação e proteção desses animais. Da mesma forma, está prevista a criação de um Centro Estadual de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), que demandará um investimento de 7,5 milhões de reais.

A participação social é outra prioridade do projeto, que pretende dialogar com a sociedade civil, fortalecendo a ideia de governança socioambiental, valorizando em especial as discussões levantadas pelo Conselho Estadual de Meio Ambiente como uma ferramenta de controle social. Há também todo um planejamento de educação ambiental, com ações transversais entre as secretarias estaduais. "Encaminhamos para a Assembleia Legislativa um Projeto de Lei chamado Agente Jovem Ambiental (AJA), que visa transformar pessoas de 15 a 29 anos em agentes multiplicadores de meio ambiente, de biodiversidade e de educação ambiental nas comunidades. Eles serão capacitados, por exemplo, em coleta seletiva, compostagem, reciclagem, produtos orgânicos, turismo sustentável e gestão de consumo de recursos hídricos, entre outros temas", explica Sodré. O programa pretende capacitar 10 mil jovens nos 417 municípios baianos.

O governo estadual pretende transformar o *Bahia Mais Verde* em uma política de Estado de caráter permanente. "A ideia é que os oito eixos do projeto permaneçam em eterna construção, com saída de iniciativas já concretizadas e a entrada de outras novas propostas, para que a questão ambiental se consolide como um norte para as políticas públicas da Bahia", conclui Sodré, destacando ainda que parte dos recursos que vão viabilizar a execução do Bahia Mais Verde tem origem no programa de conversão de multas.

JOÁ SOUZA/WRI BRASIL, FERNANDO VIVAS/GOVERNO DA BAHIA E ISTOCKPHOTO

NOVA INDÚSTRIA

DESENVOLVIMENTO Em vez de só fornecer *commodities* verdes, a Bahia investe em tecnologia de ponta para produzir e exportar itens de maior valor agregado

O potencial em energia renovável da Bahia vai render ao estado o primeiro projeto de hidrogênio verde em escala industrial do Brasil, um passo importante para o plano de reindustrialização do País proposto pelo governo Lula. Com investimento previsto de 1,5 bilhão de dólares até 2027 e capacidade de produzir 100 mil toneladas do produto e 600 mil toneladas de amônia verde por ano, a fábrica é fruto de uma parceira do governo baiano com a empresa Unigel e deve ser instalada no Polo Industrial de Camaçari.

A pedra fundamental da empreitada já foi inaugurada, com previsão de início da produção em 2025, mas o projeto ainda está na fase de captação de investidores. A ideia é de que o hidrogênio verde possa ser utilizado nos mercados de fertilizantes e de agronegócio, no refino, armazenamento e geração de energia elétrica, em processos industriais e na siderúrgica, além de ser fonte de fabricação de combustíveis de aviões e navios.

"Fomos uma voz dissonante entre os governos do Nordeste, que queriam exportar hidrogênio. Nós dissemos: 'Vamos destinar ao mercado interno, mudar a matriz produtiva da Bahia, implementar uma economia de hidrogênio verde e derivados, uma economia de baixo carbono, porque o que queremos exportar são produtos verdes, com maior valor agregado'. Para produzir fertilizante, eu preciso da amônia e da ureia", afirma o presidente da Comissão Estadual do Hidrogênio Verde, Paulo Guimarães, que também preside a Bahia Invest, empresa pública na qual o governo baiano é acionista majoritário. "O fertilizante verde me permite ter uma agricultura de baixo carbono, porque eu vou substituir o produto fóssil. Com o hidrogênio verde, mais o óleo de dendê de macaúba, vamos ter o diesel verde, que não é fóssil. E vamos produzir o SAF, o combustível de aviação. Um dos piores combustíveis em termos de poluentes é o querosene de aviação. O SAF é zero de emissão, é totalmente limpo", acrescenta Guimarães.

"A Unigel já tem capacidade de produção de amônia suficiente para dar destino ao hidrogênio verde. Além disso, temos acesso à infraestrutura e a fontes de energia limpa e competitiva no Polo de Camaçari", salientou Roberto Noronha Santos, CEO da Unigel, quando o projeto foi anunciado. A petroquímica também

> O estado sediará a primeira fábrica de hidrogênio verde do País, um investimento de 1,5 bilhão de dólares

H2V nacional. A planta da Unigel será instalada no Polo Industrial de Camaçari

opera um dos dois únicos terminais de amônia do País, localizado no Porto de Aratu, também na Bahia, reforçando a agenda do *Bahia Mais Verde*, a consolidar o estado como protagonista no setor de energias renováveis.

De acordo com um informe executivo divulgado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico em julho, a Bahia conta com 71 usinas fotovoltaicas em operação, que geraram 62 mil empregos no estado. Outras sete estão em construção, com recursos da ordem de 1,26 bilhão de reais e abertura de 10 mil novos postos de trabalho. O governo baiano elenca outras 556 novas usinas que deverão ser construídas, ao custo estimado de 89 bilhões de reais e com potencial de empregar até 738 mil trabalhadores.

A produção de energia eólica é ainda maior. A Bahia já contabiliza 334 usinas em operação, empreendimentos que geraram 98 mil empregos diretos ou indiretos. Há ainda outras 47 sendo construídas, com aportes de 10 bilhões de reais e perspectiva de abertura de 20 mil postos de trabalho, além de 196 parques com construção ainda não iniciada. Nestes, estão previstos investimentos de 52 bilhões e a geração de 81 mil empregos.

"Pela posição estratégica e toda a natureza que detém, a Bahia conta com um potencial muito grande para a geração de energia eólica *onshore* e *offshore*, energia solar e também energia que vem do hidrogênio. Hoje, o mundo está trabalhando com a tecnologia do hidrogênio e a Bahia tem grande potencial também nessa produção. Tudo isso é fundamental para o desenvolvimento da energia renovável e o Brasil é um ator central, pois tem a oportunidade de liderar a transição energética. O Nordeste tem essa capacidade de respostas e a Bahia é um estado fundamental nesse processo", destaca Elbia Gannoum, presidente-executiva da Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias, a ABEEólica.

Santiago Gonzalez, coordenador estadual da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica, a Absolar, reforça o peso da energia solar no desenvolvimento econômico e social do estado. "A Bahia é um ator importante na descarbonização e no combate às mudanças climáticas. Por ser um relevante centro de desenvolvimento da energia solar, mantém um enorme potencial de geração de emprego e renda, com capilaridade para todos os municípios no estado, sendo uma atração de investimentos privados", diz. "A Bahia tem potencial para a geração de energia híbrida, de plantas híbridas: de dia gera energia solar e, à noite, energia eólica", completa Eduardo Sodré, secretário de Meio Ambiente da Bahia.

Depois de ter publicado os *Atlas* de energia eólica e solar, o governo baiano lançou o de hidrogênio verde e está no processo de elaboração dos *Atlas* da descarbonização e da biomassa, com o objetivo de orientar as ações do estado no sentido de modernização da economia. "A Bahia tem a sustentabilidade como foco na atração de novos investimentos. Discutimos o tema com todas as cadeias produtivas, buscando projetos que sejam sustentáveis", explica Guimarães, acrescentando que o estado vai receber uma fábrica de painéis fotovoltaicos que serão fabricados a partir da sílica, matéria-prima em abundância no solo baiano, de propriedade Companhia Bahiana de Pesquisa Mineral.

O estado também está negociando a implantação de uma fábrica de baterias para carros elétricos e a instalação de uma biorrefinaria na região do Recôncavo Baiano para a produção do diesel renovável. O governo de Jerônimo Rodrigues investe ainda em projetos de produção de etanol de milho, visando diminuir a produção de gases de efeito estufa. •

ISTOCKPHOTO E REDES SOCIAIS/COFIC POLO

COPO CHEIO

SEGURANÇA HÍDRICA O *Bahia Mais Verde* prevê robustos investimentos para assegurar o abastecimento de água, no sertão e nos centros urbanos

Uma das áreas mais sensíveis à crise climática no mundo é a questão hídrica, seja pelo prolongado período de estiagem ou pelo excesso de chuvas, com sequelas muitas vezes irreparáveis. A Bahia conhece bem essa problemática e se prepara para mitigar os eventos extremos, até porque algumas localidades já deram os primeiros sinais de desertificação e, não raro, o interior do estado sofre com grandes enchentes, como a ocorrida em 2022 no sul do estado. Para enfrentar essa questão, a Secretaria de Meio Ambiente elencou a segurança hídrica como um dos eixos centrais do projeto *Bahia Mais Verde*. O objetivo é garantir o acesso sustentável a uma água de qualidade e em quantidade suficiente para suprir as necessidades da população e o desenvolvimento das atividades produtivas, visando tanto o consumo responsável desse insumo quanto a proteção dos recursos hídricos.

A escassez de água é um problema crônico em algumas cidades no interior do estado. Cerca de 70% do território baiano está na região semiárida, a concentrar um grande número de pequenos agricultores que dependem da água para produzir e sobreviver. Para atender essa população, o projeto *Bahia Mais Verde* busca equilibrar o fornecimento e racionalizar o uso da água. "Queremos proteger mananciais e modernizar os sistemas para termos sempre o copo cheio, para que os recursos hídricos estejam sempre disponíveis para todos que dependem daquela barragem, daquele aquífero, daquele rio. Quando houver necessidade de reduzir a vazão, que seja para todos também", explica Eduardo Sodré, secretário de Meio Ambiente.

Para suprir a demanda, o governo conta com os fundos estaduais de Meio Ambiente e de Recursos Hídricos, com previsão orçamentária de 17 milhões de reais e 4 milhões de reais, respectivamente. Os valores podem dobrar ainda em 2024, informa o secretário Sodré. Ele também aposta no Plano Estadual de Recursos Hídricos para viabilizar o *Bahia Mais Verde*, dentro de um planejamento que vai até 2040. "A gente está falando de 15 anos de gestão de recursos hídricos para o estado como um todo. Envolve ações voltadas para a proteção dos mananciais e modernização dos sistemas de abastecimento de água, bacias hidrográficas, recuperação de mata ciliar, saneamento básico, enfim, um cenário macro de segurança hídrica."

Pelo projeto estão previstas ações para a proteção dos mananciais de abastecimento, essencial para a conservação da qualidade da água para consumo humano e regulação do regime hidrológico. Para isso, serão criadas áreas de proteção de mananciais, visando a recuperação dessas reservas e melhorando o abastecimento público da água. Outra iniciativa é a implementação da cobrança pelo uso dos recursos hídricos, uma estratégia para viabilizar economicamente a execução do projeto de segurança hídrica do estado, além da modernização dos sistemas de controle, com a implementação de legislações, ferramentas e tecnologias que permitam um melhor monitoramento, controle e regulação da água.

> O estado possui 70% do seu território na região semiárida e a maior concentração de agricultores familiares do País

"A ONU diz que, no futuro, o maior desafio será o abastecimento hídrico das grandes regiões urbanas, porque você tem uma demanda enorme, não só para abastecimento da população, mas também para uso industrial e agrícola. É urgente a proteção dos mananciais, por exemplo, que são degradados continuamente, especialmente pela especulação imobiliária", destaca Carlos Bocuhy, do Observatório Internacional do Clima. "É sempre bom lembrar que é possível plantar água, porque o que gera água é floresta. A floresta faz com que a água penetre no solo, vá para o lençol de profundidade, volte para a superfície e flua o ano todo, mesmo quando não chove. Áreas florestadas são, na verdade, plantações de água, porque elas vão continuamente fornecer água para a cidade. Por isso, é importante o conceito de cinturão no entorno da cidade, porque provê elementos essenciais, serviços ecossistêmicos, como, por exemplo, a produção de água", observa o ambientalista.

Segundo Sodré, o governo baiano elabora um plano de ação para as mudanças climáticas e prepara mais um projeto voltado para a segurança hídrica, o Guardião das Águas, que vai atender comunidades da Região Metropolitana de Salvador e atuar também na recuperação, pre-

servação e proteção da mata ciliar. "Estamos construindo uma política pública atrelada ao nosso Plano Estadual de Recursos Hídricos, numa agenda de longo prazo, para que os próximos governantes que virão mantenham isso e a gente possa sair do clima árido e voltar para o semiárido", explica o secretário, ressaltando a importância do projeto para a agricultura familiar, considerando que pelo menos 700 mil famílias baianas dependem dessa atividade para sobreviver.

Bocuhy reforça que o acesso à água passa pela otimização dos recursos e pela utilização racional do produto, com tecnologia. "As pessoas precisam ter a capacidade de compreensão do problema, porque os grandes desafios do futuro serão excesso de chuva e, por outro lado, calor extremo." •

Para todos. Proteger os mananciais e recuperar as matas ciliares é fundamental para regular o regime hidrológico e conservar a qualidade da água para consumo humano

Barril de pólvora

TheObserver O líder do Hamas está morto, o Irã jura vingança: ainda é possível impedir a escalada da guerra no Oriente Médio?

POR SIMON TISDALL

Se o presidente recém-eleito do Irã, Masoud Pezeshkian, esperava um período de lua de mel, deve estar decepcionado. Menos de 12 horas após sua posse, uma explosão, supostamente causada por uma bomba controlada a distância, abalou um complexo da Guarda Revolucionária Islâmica no centro da capital, Teerã. O alvo era Ismail Haniyeh, líder político do Hamas, convidado para a posse de Pezeshkian e um dos homens mais procurados do Oriente Médio. A bomba, colocada embaixo da cama, matou Haniyeh instantaneamente.

Pezeshkian foi o vencedor de surpresa na eleição presidencial do mês passado. Superando um linha-dura conservador preferido pelo aiatolá Ali Khamenei, o líder supremo do Irã, ele prometeu reparar os laços desgastados com os EUA e a Europa. Muitos esperavam que sua vitória anunciasse uma era mais aberta e progressista, capaz de amenizar as tensões sociais. O assassinato de Haniyeh, atribuído a Israel e não desmentido por Tel-Aviv, remexeu todas essas esperan-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 50

EUA. Kamala Harris anuncia Tim Walz, o governador de Minnesota, como seu vice

Provocação. Israel também matou líder e atingiu alvos do Hezbollah no Líbano

EXÉRCITO DE ISRAEL/AFP E ABDALLAH ADEL/AFP

ças. Pezeshkian está no olho de uma tempestade internacional que, segundo analistas, poderá levar a uma guerra total envolvendo o Oriente Médio.

Enfurecido pelo ataque audacioso que o humilhou, Khamenei teria ordenado preparativos para retaliação militar direta contra Israel. Vingar a morte de Haniyeh era "nosso dever", disse a autoridade máxima do país. Pezeshkian não teve escolha a não ser acatar docilmente.

O Oriente Médio muitas vezes cambaleou à beira da catástrofe nos meses tensos desde os ataques do Hamas em 7 de outubro, lançados de Gaza contra Israel, que mataram cerca de 1,2 mil pessoas. Em abril, depois que Israel assassinou os principais comandantes da Guarda Revolucionária no consulado iraniano em Damasco, o Irã disparou centenas de mísseis e drones em seu primeiro ataque direto a Israel desde a revolução de 1979. Uma coalizão internacional improvisada, composta de forças aéreas dos EUA, Reino Unido, França, Arábia Saudita e Jordânia, ajudou Israel a interceptar e destruir a maioria dos projéteis, mas foi por pouco.

Reportagens na mídia norte-americana sugerem que o Pentágono está correndo para montar uma operação multinacional semelhante, mas alguns países talvez não concordem em participar novamente. Essa aparente relutância reflete uma raiva profunda do governo de Israel e seu primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, cujo assassinato não assumido de Haniyeh, juntamente com o de um alto comandante do Hezbollah em Beirute na semana passada, é amplamente visto como imprudente e provocativo.

> O assassinato de Haniyeh frustrou as esperanças de um cessar-fogo em Gaza e ameaça espalhar o conflito por toda a região

O próximo passo do Irã poderá ser decisivo para determinar se o Oriente Médio mergulhará no caos. Sua emergência gradual como potência predominante da região se acelerou no rastro dos ataques de 7 de outubro. O "eixo de resistência" anti-israelense e antiamericano do Irã, abraçando grupos islâmicos militantes do Líbano, Síria, Iraque e Iêmen, e cada vez mais abertamente apoiado pela China e a Rússia, é agora uma grande força a desafiar a ordem estabelecida liderada pelo Ocidente.

Dois outros fatos interligados estão levando o Oriente Médio na direção do precipício. Um deles são as medidas autodestrutivas e sem precedentes da coalizão governamental agressivamente de direita de Israel, a incluir judeus ultrarreligiosos fanáticos e nacionalistas radicais. A expansão de assentamentos na Cisjordânia, a anexação territorial de fato e a violência descontrolada dos colonos antiárabes nos territórios ocupados prosseguiram em paralelo com o conflito em Gaza. A morte de mais de 39 mil palestinos, na maioria civis, alienou apoiadores tradicionais no Ocidente e indignou o mundo muçulmano. Em tribunais internacionais, Israel é acusado de genocídio e seus líderes, de crimes de guerra. Essa lamentável descida ao papel de pária global parece, porém, apenas incitar Netanyahu e seus aliados a demonstrações cada vez maiores de desafio.

Ameaça. Os houthis conseguiram atingir apartamentos em Tel-Aviv com drones

Essa atitude foi exibida em Washington no mês passado, onde Netanyahu fez um discurso francamente belicoso ao Congresso. Ele também fez questão de se encontrar com Donald Trump, de mentalidade semelhante. Seu comportamento recalcitrante também expõe o declínio do poder e da influência dos EUA na região.

Joe Biden chegou à Casa Branca em 2021, esperando ressuscitar um acordo nuclear com o Irã. Por outro lado, estava decidido a congelar a questão palestina. China e Rússia eram suas principais prioridades externas. Aconteceu exatamente o oposto. Khamenei e o falecido ex-presidente iraniano Ebrahim Raisi bloquearam um diálogo nuclear significativo. As atrocidades do Hamas forçaram Biden a se envolver na questão Israel-Palestina. Na verdade, ele deu carta branca a Netanyahu em Gaza. Um erro terrível ainda não corrigido. Em consequência, a posição dos EUA na região, já prejudicada pelos desastres no Iraque, Afeganistão, Síria, Somália e Líbia, despencou ainda mais.

Agora, traumatizados e inflamados por Gaza, paralisados e encurralados pelo confronto Irã-Israel, o Oriente Médio e seus muitos protagonistas fortemente armados aproximam-se inexoravelmente da guerra em grande escala que todos eles afirmam não querer.

Hezbollah

O Hezbollah no Líbano, uma organização política e militar xiita patrocinada pelo Irã, é supostamente o ator não estatal mais poderoso do mundo. Israel estima que o grupo tenha cerca de 45 mil combatentes e até 150 mil mísseis, além de inúmeros drones. Especialistas dizem que o Hezbollah poderia disparar entre 2,5 mil e 4 mil mísseis por dia contra qualquer ponto de Israel durante três semanas – e potencialmente sobrecarregar o Domo de Ferro, sistema de defesa aérea de Israel.

O Irã tem relutado até agora em comprometer o Hezbollah com uma ofensiva em larga escala, considerando-o principalmente uma defesa avançada contra Israel. Embora tenha havido trocas regulares de tiros transfronteiriços desde 7 de outubro, Hassan Nasrallah, o chefe do Hezbollah que responde a Khamenei, não ofereceu ao Hamas apoio total e ativo. Esse cálculo pode mudar após o assassinato, confirmado por Israel na semana passada, de Fuad Shukr, principal comandante militar do grupo.

Iraque

O país assumiu uma posição intransigente sobre o conflito de Gaza desde o início, condenando a invasão de Israel e recusando-se a criticar o Hamas. Isso reflete o apoio histórico do país à causa palestina. O Iraque abriga milícias islâmicas aliadas ao Irã que têm repetidamente atacado forças dos EUA lá e na Síria. Após ao menos 165 ataques de milícias desde 7 de outubro, Biden ordenou ataques aéreos em fevereiro para vingar três soldados norte-americanos mortos na Jordânia.

Os temores de que uma guerra em toda a região pudesse atrair esses militantes iraquianos, além de grupos semelhantes da Síria, foram reforçados por três ataques às forças dos EUA nos últimos dias. Em resposta, Washington lançou ataques aéreos ao sul de Bagdá no fim de julho. Cerca de 2,5 mil soldados estadunidenses permanecem no Iraque e outros 900 na Síria, designados para contraterrorismo.

DIMITRIUS PAPAMITSOS/GOVERNO DA GRÉCIA, EMBAIXADA DOS EUA/ISRAEL E ABDALLAH ADEL/AFP

Houthis

Os houthis no Iêmen são uma milícia xiita fundamentalista aliada e armada pelo Irã, que se opõe fervorosamente à existência do Estado de Israel. Após a invasão de Gaza, eles começaram a disparar mísseis contra navios comerciais no Mar Vermelho ligados a Israel e aliados próximos. Isso levou a uma resposta militar ocidental, incluindo o bombardeio de locais de lançamento dos mísseis. A ameaça Houthi aumentou dramaticamente no mês passado, quando conseguiu atingir um prédio de apartamentos em Tel-Aviv com um drone. Israel lançou ataques aéreos retaliatórios punitivos ao porto de Hodeidah.

As forças houthis também entraram em choque com a Arábia Saudita, aliada dos EUA, na guerra civil do Iêmen, e recentemente atingiram funcionários da ONU. Estão prontos para um conflito com Israel.

EUA e Europa

Podem ser rapidamente arrastados para uma guerra em larga escala no Oriente Médio. Washington mantém grandes bases aéreas e navais no Golfo Pérsico e pode fazer novas "mobilizações defensivas" na região. As autoridades norte-americanas supostamente preveem um ataque iraniano maior que o de abril, incluindo a ativação de forças terceirizadas no Iraque, Síria e Líbano. Mas a influência dos EUA está reduzida. Netanyahu não avisou Washington sobre a operação Haniyeh. Biden reclamou, corretamente, mas sem ênfase, que isso "não ajudava" as negociações de cessar-fogo em Gaza.

Joe Biden deu carta branca a Benjamin Netanyahu em Gaza. Um erro terrível, ainda não corrigido

Biden não desistiu de seu plano de uma grande barganha ligando um cessar-fogo em Gaza a discussões israelenses com a Autoridade Palestina sobre uma solução de dois estados, com garantias de segurança regional dos EUA. Tal acordo teria como objetivo desarmar a bomba-relógio que é a Palestina e enfraquecer o Irã. Neste momento, parece um sonho impossível.

Catar e Egito

As nações árabes desempenharam papéis centrais nos esforços para mediar uma interrupção do massacre em Gaza. Ambos expressaram consternação com os acontecimentos da semana passada. Referindo-se ao assassinato de Ismail Haniyeh, o primeiro-ministro do Catar, xeque Mohammed bin Abdulrahman al-Thani, escreveu no X: "Assassinatos políticos e ataques constantes a civis em Gaza enquanto as negociações continuam nos levam a perguntar: como a mediação pode ter sucesso quando uma parte assassina o negociador do outro lado?" Alertando que "a paz precisa de parceiros sérios", ele parecia pronto para desistir.

O Egito acusou abertamente o governo israelense de sabotar a paz. "A coincidência dessa escalada regional com o impasse nas negociações de cessar-fogo em Gaza aumenta a complexidade da situação e indica a falta de vontade política israelense para atenuá-la", declarou o Ministério das Relações Exteriores do Cairo.

Turquia

O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, surpreendeu Israel com uma ameaça explícita de invadir o país em apoio aos palestinos. "Assim como entramos em Karabakh (no Azerbaijão), assim como entramos na Líbia, faremos algo exatamente semelhante a eles (Israel)", disse Erdogan, referindo-se a intervenções militares turcas anteriores. Furioso, o ministro das Relações Exteriores de Israel, Israel Katz, comparou Erdogan a Saddam Hussein. A Turquia respondeu que o "genocida Netanyahu" é um segundo Adolf Hitler que teria o mesmo destino do líder nazista.

Deixando de lado as comunicações diplomáticas pouco maduras, a guerra entre a Turquia, integrante da Otan, e Israel parece improvável neste momento. Mas a briga aumentou a sensação de desintegração regional. Erdogan é defensor declarado do Hamas e se autointitula um líder do mundo muçulmano. Ele também está atualmente consertando as relações com o presidente da Síria, Bashar al-Assad, alinhado ao Irã. •

Lances. Os EUA perderam influência na região. Erdogan sobe o tom contra Israel

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Língua afiada

EUA Escolhido como vice de Kamala, o governador Tim Walz sabe como falar para os eleitores da "América profunda"

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

Kamala Harris escolheu um dos nomes mais progressistas do Partido Democrata para ser seu vice na corrida presidencial dos EUA. O governador de Minnesota, Tim Walz, traz ares que há muito tempo não circulavam na campanha. Ele concorreu com indicações consideradas mais potentes e conservadoras, a exemplo dos governadores da Pensilvânia, Josh Shapiro, e do Kentucky, Andy Beshea. Desbancou todos eles embalado pelo carisma e pelo senso patriótico, temas caros aos norte-americanos.

Diante de uma multidão barulhenta na Filadélfia, Harris e Walz fizeram sua primeira aparição juntos na noite de terça-feira 7. Foram implacáveis nos ataques ao rival republicano. "Donald Trump vê o mundo um pouco diferente de nós. Primeiro, ele não sabe nada sobre serviço. Não tem tempo para isso porque está muito ocupado servindo a si mesmo", disse Walz, sob o olhar de aprovação da presidencial democrata.

Nascido em uma comunidade profundamente rural em Nebraska, o governador foi sargento na Guarda Nacional do Exército por mais de duas décadas. Durante um intercâmbio na faculdade, aprendeu a falar um pouco de mandarim. Morou por um ano na China. Mudou-se para a zona rural de Minnesota e lecionou Sociologia e Geografia em escolas públicas de ensino médio. Quando foi treinador de futebol americano, participou da primeira aliança *gay*-hétero na década de 1990. Passou a ser incentivado pelos próprios alunos a seguir carreira política. Assim como entre seus estudantes, foi popular no Congresso com pautas que defendiam veteranos, sindicalistas e reajustes do salário mínimo, além de ter votado contra a restrição do financiamento federal ao aborto. Fazendeiro e amante dos animais, sabe como poucos dentro do seu partido se comunicar com os eleitores das áreas rurais, com desenvoltura e senso de pertencimento.

Em maio, *CartaCapital* conversou com especialistas sobre o peso da chamada "América profunda" nas eleições norte-americanas. Autor do livro *The Rural Voter: The Politics of Place and the Disuniting of America*, lançado em 2023, o cientista político Nicholas Jacobs avaliou que o Partido Democrata havia preterido os eleitores rurais, um grave equívoco. Agora, após a escolha por Walz, Kamala Harris mostra o quanto o Centro-Oeste do país ainda está em jogo e expõe as preocupações sobre a capacidade de vencer em lugares onde eleitores brancos sem educação universitária não podem ser substituídos por mais mães suburbanas, observa Jacobs.

> Recentemente, o democrata viralizou nas redes ao chamar Trump e J.D. Vance de "estranhos"

Ao optar pelo governador de Minnesota, acrescenta o cientista político, Harris não apenas admite que apelar para os eleitores rurais não apenas é essencial para os democratas, se eles desejam vencer em estados cruciais onde cada voto conta, mas também reconhece que tal alcance é bom para o país. "O que é surpreendente é que a decisão de Harris reverte a tendência de longa data na política do Partido Democrata, que abandonou a diversidade geográfica pela diversidade demográfica e alinhamento ideológico", diz Jacobs. "No entanto, mais importante do que quase todas as questões, os eleitores têm implorado por unidade e Walz empurra os democratas para um pouco mais perto desse objetivo ilusório."

Não é à toa. Governador desde 2018, ele tem entre seus feitos a oferta de café da manhã e almoço escolar gratuitos para crianças de Minnesota. Rebatizou um trecho da Highway 5 como "Prince Rogers Nelson Memorial Highway", em homenagem ao ídolo *pop* que viveu no estado. Walz fez questão de assinar o projeto com tinta roxa, pois sabe que detalhes como esse também ajudam na aprovação de 56% do seu mandato, uma das mais altas do país, segundo uma pesquisa de julho da KSTP-TV.

André Pagliarini, professor de História e Estudos Internacionais na Louisiana State University, acredita que Kamala passou no seu primeiro teste com a ala progressista do Partido Democrata. "Walz é uma figura ideal em termos da política identitária, mas também

A presidenciável marcou pontos com a ala progressista de seu partido

BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

é muito bom nas pautas caras à esquerda. Ele sinaliza que Kamala estará aberta à base progressista, em vez de se sentir na obrigação de publicamente se afastar."

Casado, Walz e sua esposa tiveram dois filhos por fertilização *in vitro*. Recentemente, tornou-se queridinho nas redes sociais depois de alcunhar o termo "muito estranhos" ao se referir ao candidato republicano Donald Trump e seu vice J.D. Vance. "Você sabe que há algo errado com as pessoas quando elas falam sobre liberdade", disse, em entrevista à rede de tevê MSNBC. "Liberdade de estar no seu quarto. Liberdade de estar na sua sala de exames. Liberdade de dizer aos seus filhos o que eles podem ler. Essas coisas são estranhas. Eles parecem muito estranhos."

O termo alastrou-se como pólvora e, em menos de uma semana, houve um aumento de 28% nas buscas pela palavra "estranho" no Google. Os mais importantes nomes do Partido Democrata, incluindo Kamala Harris, passaram a utilizar a alcunha, o que deixou o ex-presidente furioso, a ponto de comentar o assunto. Em uma entrevista no *The Clay Travis and Buck Sexton Show*, Trump disse que ninguém o havia chamado de estranho antes. "Sou muitas coisas, mas esquisito não sou. E Vance também não é nada estranho." Aparentemente, os eleitores razoáveis acharam um tanto estranho quando Trump escolheu por uma versão "mini-eu" ao escolher o seu vice. Numa pesquisa realizada pela CNN, J.D. Vance aparece como o candidato a vice-presidente menos querido desde 1980.

Os motivos não são poucos. O festival de bolas fora de Vance vão desde comentários apoiando uma proibição nacional do aborto ao ataque a mulheres sem filhos, o que espantou até a atriz Jennifer Aniston. "Sr. Vance, rezo para que sua filha tenha a sorte de ter filhos um dia", escreveu no Instagram. A enxurrada de reações negativas tem levado muitos a especular se o ex-presidente estaria cogitando rejeitar o companheiro de chapa, arriscada estratégia que não é adotada há mais de 50 anos.

A fase ruim, no entanto, não é apenas a de Vance. Em desastrosa e controversa coletiva de imprensa concedida apenas a jornalistas negros, Trump tentou minimizar a importância do vice na chapa. "Você pode ter um vice-presidente que é excelente em todos os sentidos, mas você está votando no presidente. Você está votando em mim." Caberá ao eleitor norte-americano decidir qual tipo de presidente e vice ele vai escolher para comandar o país. Os currículos dos candidatos estão sobre a mesa. •

Paris é uma festa

CRÔNICA Do triatlo no poluído Rio Sena ao vôlei de praia sob a sombra da Torre Eiffel, os jogos na capital francesa foram incríveis

POR ANTONELLO VENERI (TEXTO E FOTOS)

Para boa parte dos brasileiros, Paris 2024 deve ficar guardada na memória como as Olimpíadas das mulheres. Foram elas que conquistaram a maioria das glórias alcançadas pela delegação verde-amarela, a exemplo da ginasta Rebeca Andrade e da judoca Beatriz Souza, nossas atletas de ouro. Acompanhando o dia a dia dos jogos desde a cerimônia de abertura, o fotógrafo Antonello Veneri registrou momentos curiosos que ficaram à margem da cobertura esportiva. Na crônica a seguir, ele compartilha alguns de seus achados e explica por que ficou encantado com a festa parisiense.

Alegrias e decepções no Rio Sena

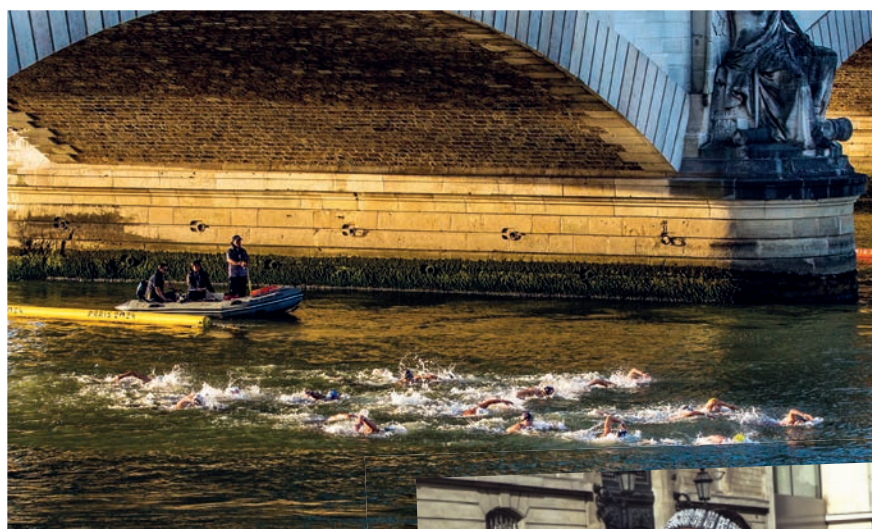
A cerimônia de abertura transformou o Sena num sambódromo, com desfile de barcos e atletas, música e dança, as arquibancadas vibrando dos dois lados do rio. Uma ideia genial para um evento barroco, exagerado e colorido, no qual a vaidosa Paris celebrou mais a si própria do que aos Jogos Olímpicos. Passado e presente misturados: cultura *pop* e Louvre, performance *queer* e cancã, Lady Gaga e Mona Lisa.

O espetáculo na sua integridade só foi visto pelos telespectadores, para os quais o show de 120 milhões de euros foi minuciosamente pensado. Para os 300 mil parisienses e turistas que acompanharam ao vivo, teve uma chuva teimosa e democrática do começo ao fim da cerimônia, a obrigar as famílias e muitos dos 85 chefes de Estado a saírem encharcados antes do final. Os que resistiram passaram o tempo fotografando os atletas que, dentro dos barcos, fotografavam o público, não conseguindo ver as atrações espalhadas ao longo dos 6 quilômetros do percurso aquático.

Nem mesmo os 8,5 bilhões de reais gastos para limpar o rio conseguiram afastar a ameaça dos coliformes fecais. Os atletas do triatlo foram obrigados a competir no Sena, não tendo os organizadores um plano B. Para se proteger de doenças intestinais, alguns atletas tomaram probióticos e outros, como o americano S. Rider, tentaram técnicas mirabolantes, como não lavar as mãos depois de ir ao banheiro. "Bebi muita água (do Sena), obviamente não tem gosto de Coca-Cola. Enquanto nadava debaixo da ponte, senti e vi coisas nas quais não deveria pensar muito", comentou a belga J.Vermeylen, logo após a competição.

> Uma chuva teimosa e democrática afugentou parte do público na exagerada e colorida cerimônia de abertura

Esporte, derrotas e torcidas

O triatlo é o esporte mais duro das Olimpíadas. Você inicia a prova jovem e termina idoso. São 1,5 quilômetro de natação, 40 quilômetros de *bike* e outros 10 quilô-

Aos olhos de todos. O ciclismo é o esporte mais democrático, não cobra ingresso de ninguém. O triatlo é o mais sofrido, sobretudo nas águas do Sena

metros de corrida que levam à exaustão. Nas últimas rodadas da corrida, vi atletas em estado de êxtase, feito pinturas da Renascença, mas também santos perfurados por flechas, sofrendo em transe como São Sebastião.

A esgrima não deixa ninguém indiferente, combinando uma elegância nos movimentos com uma tensão nervosa absurda. Os atletas ora dançam com leveza, ora tentam picar-se freneticamente, feito muriçocas.

O ciclismo é o esporte mais democrático. Ninguém precisa de bilhete e *QR Code*, todo mundo se diverte, as torcidas se juntam, os ciclistas interagem e cumprimentam o público durante a competição. Em retribuição, os aficionados permanecem horas debaixo de chuva ou sol para ver os atletas passarem, ainda que

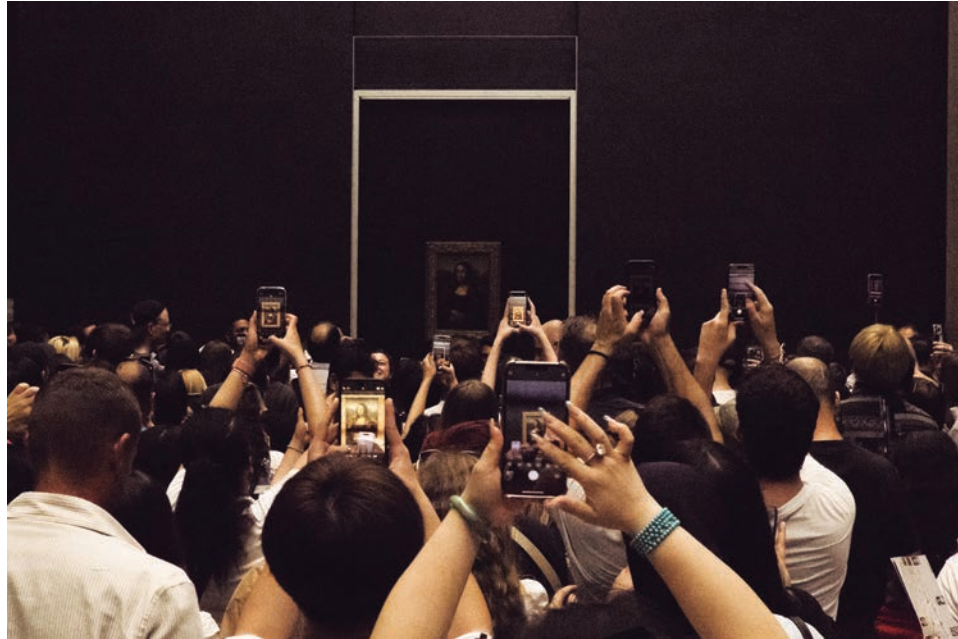
por poucos segundos. Os jovens atletas e as mais recentes modalidades olímpicas estão, por sinal, mudando a cultura da torcida olímpica. Não se torce mais contra o adversário. A *skatista* Laryssa Leal, de 16 anos, e outros atletas estão ensinando isso à minha geração.

Dos 10.500 atletas participando dos Jogos, 5.250 são mulheres e 5.250, homens. Chegamos à paridade de gênero, ao menos de fachada. Ser mulher não é nada fácil, principalmente quando se tem uma condição clínica (hiperandrogenismo) que eleva os níveis de testosterona, como é o caso da boxeadora argelina Imane Khelif. Políticos de extrema-direta, como Donald Trump, e até a escritora do Harry Potter aproveitaram para questionar identidade e gênero da atleta, espalhando *fake news*. A boxeadora argelina continuou socando forte as adversárias, até ganhar sua medalha.

Vi muitos atletas, construídos para ganhar, perderem com graça e dignidade. Saber lidar com a derrota é poesia pura, no esporte e na vida. Como canta o músico italiano Paolo Conte, "era um mundo adulto, se errava de forma profissional". A torcida mais alto-astral é a brasileira. Na vitória ou na derrota, sempre comemora. Esta avaliação, claro, é de um jornalista imparcial! Já a Marselhesa é, indiscutivelmente, o hino mais empolgante de todos.

Os jovens que acompanham as Olimpíadas logo se apaixonam pelos esportes. O nadador Leon Marchand ganhou cinco medalhas de ouro e se tornou ídolo na França. Em uma loja da rede Decathlon, vi que a área da natação estava cheia de pais e crianças comprando sungas e óculos. Dali, surgirão novos campeões.

Estética e comida

As modas italiana e francesa competem pela qualidade, mas os uniformes dos atletas são decepcionantes. Os do Brasil foram bastante criticados nas redes sociais. O que posso dizer é que, ao vivo, esses detalhes passam despercebidos.

Humores. *Mona Lisa* continua rindo dos visitantes do Louvre. Oito policiais foram mobilizados para deter um *pickpocket*. A torcida brasileira ainda é a mais animada

Em alguns *memes* maliciosos, a mascote dos Jogos virou um enorme clitóris. Se bem que, vendo a mascote de perto, parece mesmo. Sem malícia. Já um atleta francês do salto com vara, que esbarrou o pênis no sarrafo e perdeu a competição, recebeu uma proposta de 250 mil dólares de um *site* pornô. A realidade é *meme* ou o *meme* é realidade?

Atletas reclamaram da qualidade e da escassez de comida na Vila Olímpica, bem como do calor e do desconforto das camas. Em entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, Michael Phelps, o maior nadador da história, com 23 medalhas de ouro, lamentou a falta de espírito olímpico dos colegas: "Era perfeito? Não. Meus pés ficavam para fora porque as camas eram muito curtas. Estava quente? Sim, estava. Trouxemos dois ventiladores. E um colchão também. Mas eu nunca teria ido para um hotel. Há um mundo na Vila Olímpica. Ir à cantina foi uma experiência magnífica, corpos diferentes, gigantes, pequenos, olhos e rostos se abrindo para outros continentes".

O *glamour* parisiense

Paris é uma festa, observou Hemingway num passado distante, mas nunca vi esta cidade tão alegre como agora. Além da beleza arquitetônica, ela possui uma rede de ciclofaixas de tirar o fôlego, que vai do centro até a periferia extrema. Ver tantos turistas e atletas andarem de bi-

cicleta pela cidade é uma conquista que se deve à doce garra da prefeita socialista Anne Hidalgo. Melhor ir de *bike* do que a nado pelo Sena.

Atualmente, há ao menos oito exposições nos museus franceses sobre esporte. A principal é Olympisme, no Louvre. Poucos sabem que, de 1912 a 1948, os Jogos Olímpicos tinham até competições de arte. A relação entre arte e esporte parece coisa estranha, mas, assistindo às competições, torna-se evidente: ambos eternizam a beleza, a derrota, o êxtase, a força, o sofrimento e, mais que tudo, aquele instante decisivo em nossas vidas.

As reclamações sobre a Vila Olímpica irritaram Phelps, o maior nadador da história: "Nunca teria ido para um hotel"

A *Mona Lisa* continua sendo a última rainha da França, com aquele sorriso "sabe de nada, inocente!". Firme e forte, ela ri de tudo: da multidão que se espreme em busca de uma *selfie* com ela e da exposição Olympisme, praticamente vazia. Uma diretora do Louvre relatou numa entrevista que 80% do público vai ao museu só para ver essa tela de Leonardo da Vinci.

Perto de 45 mil policiais circulam pelas ruas de Paris, devido, sobretudo, ao temor de ataques terroristas. Mas o clima permanecia tranquilo até a conclusão desta crônica. Só registramos a prisão de um *pickpocket*, o famoso ladrão parisiense que bate carteiras sem a vítima perceber.

O *overturism* – excesso de turistas, em bom português – é um problema de todas as grandes capitais europeias. Muitos parisienses fizeram suas malas e decidiram fugir durante o período das Olimpíadas.

Nós, fotógrafos, pudemos registrar o vôlei de praia embaixo da Torre Eiffel, o ciclismo passando pela colina do Sacre Coeur, a equitação em Versalhes, a esgrima no Petit Palais, a natação no Sena e outras maravilhas, mas a foto mais bonita das Olimpíadas foi feita no Taiti por um colega da AFP, que capturou o surfista brasileiro Gabriel Medina "voando".

Considerações finais

Os parisienses são campeões do mundo em reclamação, não há como negar. Implicam com coisas pequenas, com um certo gosto teatral. Adoram a disputa verbal, mas raramente passam para as vias de fato. Dizem que o parisiense é mal-humorado. Isto se explica pelas suas duas almas, uma nórdica e outra latina, um pouco como os queijos que produzem: casca dura e interior mole. Um amálgama de razão e sentimento que os atormenta. E é por isso que gosto tanto deles e dessas Olimpíadas insólitas. •

Agora pode entrar

ARTE As casas da artista plástica Tomie Ohtake e da designer e arquiteta Chu Ming, em São Paulo, recebem duas exposições

POR ANA PAULA SOUSA

Um dos dois estreitíssimos quartos reservados por Tomie Ohtake (1913-2015) para seus filhos na residência da família, no bairro Campo Belo, Zona Sul de São Paulo, ganhou, nas últimas semanas, um novo elemento decorativo: na parede onde fica apoiada a cama de concreto foram pendurados quatro pequenos óleos sobre tela de Paulo Pasta.

Também localizada na Zona Sul da cidade, no Morumbi, a casa de Chu Ming Silveira (1941-1997) foi outra que, recentemente, perdeu os móveis e objetos habituais para receber mais de 50 obras de arte – algumas delas, como as de Lygia Clark, Carmen Herrera, Joseph Beuys e Anish Kapoor, de valores quase inestimáveis.

São alguns os pontos a unir os dois imóveis. O primeiro é que neles moraram duas mulheres de origem asiática: Tomie, artista plástica, nasceu em Kyoto, no Japão, e Chu, arquiteta e designer, em Xangai, China.

Outro fato comum é que elas foram projetadas na mesma época, entre fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, e são representativas do estilo brutalista. Além disso, foram feitas por arquitetos que nelas morariam – a de Tomie foi projetada por Ruy Ohtake (1938-2021), seu filho, e a de Chu por ela mesma.

O terceiro ponto de união, agora, é que ambas sediarão, a partir do domingo 11, a mostra *Aberto*. Pensada para acontecer em casas icônicas, a *Aberto* teve suas primeiras edições, em 2022 e 2023, num imóvel projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012), no Alto de Pinheiros, e em outro assinado por Vilanova Artigas (1915-1985), no Alto da Boa Vista, ambos em São Paulo.

A ida aos dois endereços, como diz uma das curadoras, a designer Claudia Moreira Salles, não deixa de ser uma experiência imersiva, que "transforma cada casa em uma tela que combina forma e função". O encontro improvável entre um trabalho de Adriana Varejão e um fogão ou as peças de Tunga a ocupar uma suíte com vista para o jardim causam, no visitante, sensações que, num museu, não seriam as mesmas.

Se isso acontece é também porque, de repente, entre aquelas paredes de concreto, vão se deixando antever as trajetórias e as próprias crenças em um certo modo de viver de duas mulheres que, no século XX, ousaram inventar.

> A mostra *Aberto* leva, aos dois espaços, obras de nomes-chave da produção contemporânea

A casa de Tomie, por exemplo, além dos quartos superpequenos, onde cabiam apenas as camas, quase não tem portas.

E Rodrigo Ohtake, filho de Ruy e neto da artista, conta que a avó, nos últimos dez anos de vida, dormia no ateliê, não mais em seu quarto. É, inclusive, no ateliê que está exposto seu último quadro, uma pintura toda branca, sem formas e com pouca textura, produzida em 2014.

Nesse mesmo espaço estão dispostas as cerâmicas que ela ganhou da amiga Kimi-ni; a gravura a ela dedicada por Amélia Toledo; e outra, acompanhada de um "feliz aniversário", feita por Ana Bella Geiger.

Além do marcante jogo de luz e sombra, chama atenção, na casa, o teto de concreto, de apenas 2,10 metros de altura. É Rodrigo quem conta que esse pé-direito condiz com uma ideia que Ruy tinha à época. "Ele dizia que o nosso olhar é horizontal e que, por isso, o teto mais baixo propicia aconchego", diz Rodrigo, que também é arquiteto. Segundo ele, a residência, de 1968, funcionou também como laboratório para que seu pai, então um jovem arquiteto, experimentasse os vários usos possíveis para o concreto.

Já na casa de Chu Ming, onde ainda mora um de seus filhos – que, no período da exposição, ficará em um hotel – , o que primeiro detém a atenção de quem ali entra é o fato de as paredes não serem

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 58

Cinema. Por que Josh Hartnett, astro de *Armadilha*, tentou tanto fugir da fama

Estilo brutalista. O imóvel onde Tomie morou *(acima)*, no Campo Belo, foi projetado por seu filho Ruy Ohtake. Chu, a criadora do orelhão *(à esq.)* , projetou a própria residência, no bairro do Morumbi.

ACERVO/RUY OHTAKE E ACERVO CHU MING SILVEIRA

paralelas. O projeto abraça a irregularidade topográfica característica do Morumbi e não apenas possui vários pontos assimétricos – até uma banheira assim – como tem variados níveis. Não por acaso, as primeiras peças da exposição são umas escadinhas de Lygia Pape.

O que os curadores não ousaram tirar da residência de Chu foi, obviamente, o protótipo do orelhão feito para a Bienal de Arquitetura, nos anos 1970. O orelhão, objeto urbano que, por décadas, compôs o cenário das ruas brasileiras, foi a criação mais famosa de Chu. •

A fama não lhe cai bem

TheObserver Josh Hartnett, protagonista de *Armadilha*, de Shyamalan, conta por que, ao se tornar uma estrela, decidiu recusar os papéis de super-herói e galã

POR STUART MCGURK

Todas as manhãs, assim que acorda, na zona rural de Hampshire, no sudeste da Inglaterra, o ator Josh Hartnett tem bocas para alimentar. As dos quatro filhos pequenos, obviamente, e ainda as de um cachorro, de vários porquinhos-da-índia, muitas galinhas e de um pequeno rebanho de cabras pigmeias. As cabras, comenta, são suas favoritas.

"São os animais mais doces do planeta", diz, pelo Zoom. "Elas são como cachorros. Viveriam dentro de casa, se pudessem. Já vi pessoas com cabras em casa, com fraldas, mas achamos isso meio cruel."

Hartnett e sua mulher, a atriz britânica Tamsin Egerton, passaram o confinamento nessa casa. Durante anos viveram num vaivém entre o Reino Unido e os Estados Unidos, mas, quando o terceiro filho estava a caminho, decidiram ficar em Hampshire. Desde então, Hartnett é uma atração na vida da aldeia local.

Ao contrário do que acontece em Nova York ou Los Angeles, "onde as pessoas só querem falar sobre suas carreiras", diz, ali "ninguém se importa". Como está no Reino Unido com um visto de casamento, Hartnett só pode ficar fora do país a trabalho 180 dias por ano. À noite, depois de as crianças terem ido dormir, ele às vezes encontra tempo para pintar. Mas essa existência permite, sobretudo, que veja os filhos crescerem.

A trajetória de Hartnett em Hollywood foi bastante comum. Os primeiros papéis interessantes em filmes *indie* – *A Prova Final,* de Robert Rodriguez, em 1998, e *As Virgens Suicidas,* de Sofia Coppola, um ano depois – o catapultaram a atuações de grande porte que exigiam pouco mais dele do que parecer um apaixonado.

Em *Falcão Negro em Perigo* (2001), viveu um papel heroico; em *Pearl Harbor* (2001), ficou entre o heroico e o apaixonado; em *40 Dias e 40 Noites* (2002) viveu um personagem que se recusa a fazer sexo durante a Quaresma.

Mas Hartnett não gostou da atenção que veio com os grandes filmes. E, em pouco tempo, fez algo imperdoável para um aspirante a megaestrela: decidiu que não queria ser isso. Deixou Los Angeles, voltou para seu estado natal, Minnesota, e se afastou de seus agentes. Os tabloides ainda mencionam seu desaparecimento, embora já tenham se passado quase duas décadas desde então.

> "Sempre busquei algo que estivesse além do que esperavam de mim. E não queria ver minha vida engolida pelo trabalho"

Na realidade, Hartnett só parou de trabalhar por 18 meses. Mas passou a recusar os papéis insossos de galã e heróis – caso de *Superman* – para os quais era frequentemente indicado e buscou projetos menores e mais desafiadores.

Durante algum tempo, fez papéis interessantes, mas que nem sempre deram certo. Foi o caso de *Loucos de Amor* (2005), *O Resgate de Um Campeão* (2007) ou *Dália Negra* (2006). "Alguns desses filmes foram bem-sucedidos. Alguns fracassaram", diz. "Sempre busquei algo que estivesse além do que esperavam de mim. E não queria ver minha vida engolida pelo trabalho", diz, aos 46 anos.

Recentemente, no entanto, vários projetos deram certo. Só no ano passado, ele chamou atenção como um ator de Hollywood inexperiente num filme mediano de Guy Ritchie *(Esquema de Risco: Operação Fortune)*; fez um astronauta em um triângulo amoroso metafísico num episódio de *Black Mirror*; e teve um papel fundamental como um físico nuclear em *Oppenheimer.*

Agora está em *Armadilha,* de M. Night Shyamalan, o diretor de filmes com final surpreendente, como *O Sexto Sentido, Sinais* e *A Vila.* No filme, em cartaz no Brasil desde a quinta-feira 8, ele é um pai de família, mas também um assassino em série conhecido como "O Açougueiro". O filme inteiro é uma armadilha preparada para pegá-lo, uma brincadeira de gato e rato turbinada.

Shyamalan já declarou o quão difícil é encontrar um ator como Hartnett. Assim que os artistas de cinema se tornam es-

Holofotes. O ator esteve no Shopping Iguatemi, em São Paulo, no *tour* promocional de *Armadilha*, em cartaz nos cinemas desde a quinta-feira 8. No filme, ele vive um assassino

trelas, eles "começam a pensar em como podem se proteger". Em pouco tempo, começam a interpretar apenas pessoas da vida real ou se fixar em franquias. "Encontrar uma estrela de cinema genuína que seja também um grande ser humano disposto a arriscar tudo é algo raro."

Hartnett conheceu Shyamalan na estreia de *A Vila,* em 2004, e sempre quis trabalhar com ele por considerar seus projetos bem diferentes: "Ele é alguém que assume muitos gêneros e entra nesses gêneros com outra perspectiva". O convite demorou, mas Hartnett aprendeu a esperar.

O telefonema de Christopher Nolan para *Oppenheimer* veio cerca de 20 anos depois de terem falado sobre *O Cavaleiro das Trevas*. Hartnett não ficou interessado em interpretar Batman, mas se ofereceu para um papel em outro filme de Nolan, *O Grande Truque*, sobre mágicos de palco rivais. O papel ficou com Christian Bale, que Nolan havia escalado como Batman.

Foi um certo alívio, tantos anos depois, receber o convite para *Oppenheimer*. Ele diz não se arrepender de não buscar papéis de super-heróis, mas admite ter perdido uma oportunidade de trabalhar com Nolan.

Hartnett cresceu em Saint Paul, Minnesota, no norte dos Estados Unidos. Seu pai era músico e sua mãe "a garota que gostava de ver bandas". Ele os descreve como *hippies* que, quando sua mãe engravidou, viviam numa moradia compartilhada.

O pai conseguiu emprego como gerente de obras, comprou uma casa, mas o casal logo se separou e a mãe mudou-se para São Francisco. Quando tinha 4 anos, o pai se casou com sua madrasta e passou a levar "uma vida muito mais normal no Centro-Oeste".

Ao que parece, ele era uma mistu-

WARNER BROS. PICTURES

ra curiosa: de feitio naturalmente preocupado e amante das artes, era também um atleta que jogava no time de futebol do colégio. "Eu praticava muitos esportes", conta. Mas foi também capturado pelo amor de sua madrasta pela pintura, e por muito tempo quis seguir essa veia.

Começou a amar o cinema na adolescência, ao trabalhar numa locadora de vídeos alternativa chamada Mr. Movies. À época, ficou obcecado pela *Nouvelle Vague* francesa e por diretores italianos como Bernardo Bertolucci e Federico Fellini.

Quando pergunto se mantém contato com a mãe, ele faz uma pausa de um segundo e diz: "Não, ela morreu no ano passado". Era um relacionamento difícil. "Na minha juventude, passamos a maior parte do tempo separados. E ela tinha problemas com drogas e álcool." Foi para a reabilitação e depois desenvolveu demência.

O pai teve um impacto muito maior em sua vida. E, ouvindo-o falar sobre ele, é difícil não traçar uma linha direta entre as prioridades de seu pai e as suas: a ideia de que o trabalho não é tudo e de que a família vem em primeiro lugar. "Meu pai não era alguém que valorizava a realização profissional de alto nível como meio de provar a si mesmo. Ele era dono de uma empresa e permitia que ele e seus funcionários trabalhassem quatro dias por semana."

Ao longo da conversa, Hartnett mencionou as várias razões pelas quais evitou a fama excessiva. Quando lhe pergunto se houve um ponto crucial, ele explica que não foi tão simples, mas então diz: "O interesse das pessoas por mim, à época, era quase doentio".

Atenção de quem? "Olha, não quero dar muito peso a isso", começa. "Houve incidentes. Pessoas apareciam na minha casa. Pessoas me perseguiam." Em certo ponto, diz, "um cara apareceu numa das minhas estreias com uma arma, alegando ser meu pai. Ele acabou na prisão". Hartnett tinha 27 anos. "Houve muitas coisas. Foi uma época estranha."

Em 2023. Hartnett fez uma participação especial como um astronauta em *Black Mirror* e viveu um físico nuclear em *Oppenheimer*

"O interesse das pessoas por mim, à época, era quase doentio", diz, sobre o auge do estrelato

Durante a entrevista, conversamos brevemente sobre política, e terminamos com algo substancialmente mais leve: sua participação especial na última temporada de *The Bear,* série recém-indicada a 23 prêmios Emmy. É outro trabalho no qual, como em *Armadilha,* ele interpreta um pai, ou melhor, um padrasto – embora, presumivelmente, menos sanguinário. •

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

NETFLIX E MELINDA SUE GORDON/UNIVERSAL PICTURES

Sobre o exercício da renúncia

PSICANÁLISE PARA ADAM PHILLIPS, NÃO CONSEGUIR DESISTIR É SER INCAPAZ DE ACEITAR A PERDA E A VULNERABILIDADE

Em tempos de Olimpíadas e de reviravolta nas eleições norte-americanas, com a desistência de Joe Biden, *Sobre Desistir*, de Adam Phillips, professor visitante no Departamento de Inglês da Universidade de York, no Reino Unido, ganha um sabor especial.

Phillips, autor de duas dezenas de livros de sucesso que trafegam entre psicanálise, filosofia e literatura, procura mostrar, no volume lançado recentemente no Brasil, que "entregar os pontos" pode ser também uma "forma de ganhar pontos".

Lê-se, já no prólogo, que toda escolha é, por definição, excludente: "Abrir mão é sempre sacrificar algo em prol de outra coisa que acreditamos ser melhor". O que ele busca, no fundo, é desatrelar a desistência – ou o deixar de querer – da ideia de fracasso.

O título leva a crer que o livro trate da desistência, mas o conjunto de sete textos esparrama-se por outros tantos temas, presentes em capítulos cujos títulos são autoexplicativos: *Sobre Ser Excluído*, *Sobre Não Acreditar em Nada* etc. Embora falte ao todo organicidade, as partes são interessantes e envolventes para o leitor comum – ou seja, não especializado em psicanálise.

Conhecedor de literatura que é, Phillips recorre a Kafka, Henry James, Thomas Mann, Camus – que escreveu sobre o suicídio, a forma máxima de desistência –, aos heróis trágicos de Shakespeare e às "perplexidades essenciais" de Borges para conduzir o leitor pelas possibilidades e armadilhas da nossa psique e do nosso comportamento.

Mas nenhuma referência se fará tão presente quanto Sigmund Freud e aqueles que o contradizem ou complementam, de Lacan a Winnicott, passando por Christopher Bollas. Editor das traduções inglesas da obra de Freud, Phillips tem muito presentes, em suas reflexões, os conceitos de desejo, sonho, *self* e vitalidade.

A "fonte de vitalidade" é, inclusive, uma de suas preocupações centrais. A pergunta que abre o texto *Morto ou Vivo* é: "De que você precisa abrir mão para se sentir vivo?" Mais adiante, escreverá:

SOBRE DESISTIR.
Adam Phillips. Tradução: Breno Longhi. Ubu (160 págs., 59,90 reais)

O autor equilibra-se entre a psicanálise, a filosofia e a literatura

COLIN MCPHERSON/CORBIS

"Quais são as vidas que acreditamos querer e por que acreditamos que as queremos." A vitalidade, em sua definição, é a "experiência de estar vivo", de florescer.

E tudo isso, de acordo com ele, está ligado também à frustração, aprofundada em *Sobre Não Querer*. "É na infância que somos introduzidos aos benefícios e ao sofrimento muito real implicados na frustração. E, sobretudo, é na infância que somos encorajados a abrir mão de nossa megalomania", escreve. Abrir mão e frustrar-se, no fim, nada mais é que viver. •

– por Ana Paula Sousa

Palavras do pai

LIVROS O chileno Alejandro Zambra explora, em *Literatura Infantil*, temas como amizade masculina, futebol, brigas, pescarias e, sobretudo, paternidade

POR PAULA SPERB

Mais do que um livro sobre infância, *Literatura Infantil – Cartas ao Filho*, do chileno Alejandro Zambra, é sobre ser um homem adulto. O tema da masculinidade predomina, mesmo quando é tratado de modo sutil. A paternidade é o fio condutor a alinhavar uma discussão que passa não apenas pela transformação do narrador em pai, mas pelo seu papel de filho. Ao longo dos textos, de distintos gêneros, está presente um universo muito masculino, que inclui histórias sobre futebol, brigas, pescarias e namoradas.

O melhor deles é o conto *O Menino Sem Pai*. Escrito em terceira pessoa, o texto nem tem o narrador como personagem nem soa autobiográfico. Indica, assim, tratar-se de uma fabulação. Quando Zambra se distancia de si – ou finge distanciar-se –, afloram as qualidades que fazem dele um dos principais nomes da literatura latino-americana.

Nesse conto, dois garotos do mesmo bairro tornam-se amigos. Darío tem medo de um cachorro da vizinhança. Ao desviar seu trajeto, passa na frente da casa de Sebastián, o menino sem pai. Embora Sebastián inspire o título, a história dedica mais atenção a Darío. É a partir do ponto de vista dele que o leitor descobre a desolação de ver uma amizade chegar ao fim sem explicação e sem possibilidade de reaproximação.

O término de uma amizade é um tema universal. A tristeza infantil, no entanto, poucas vezes é narrada com voz tão convincente como neste texto. Darío e Sebastián desenvolvem uma brincadeira saudável – ainda que escatológica, como é próprio da infância – por meio da troca de cartas.

"Faz dias que não tenho notícias suas, seu merda, com certeza alguém deve ter jogado um saco de cocô e de vômito na rua, e o fedor de bosta de cavalo e peido alemão ainda não saiu de você", escreve um satisfeito Darío. A troca é interrompida pela mãe de Sebastián, uma secretária que cria o filho sozinha. Zelosa ao extremo, ela vê perigo na influência do amigo.

LITERATURA INFANTIL

Alejandro Zambra.
Tradução: Miguel Del Castillo. Companhia das Letras (224 págs., 69,90 reais)

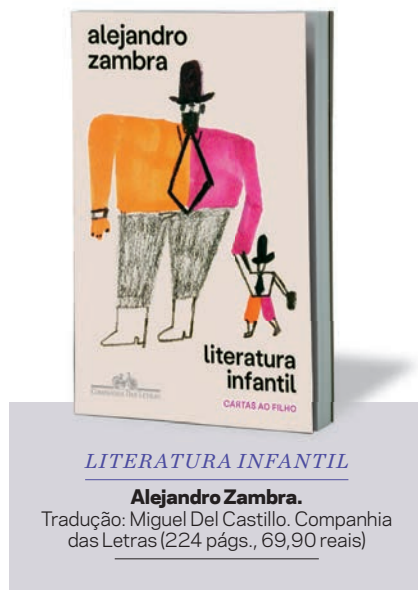
Se Sebastián fosse – como enfatiza o título, ao avesso – um menino com pai presente, será que ele teria mais liberdade? A história não carrega, porém, nenhum tom acusatório contra essa mãe que tenta fazer o seu melhor.

Zambra é corajoso também em *Arranha-céus*, que avança sobre uma temática que ganhou até um "gênero" próprio no mercado editorial: histórias *pop* sobre apaixonados por livros. O autor não se intimida e cria uma narrativa que envolve um estudante que frequenta as aulas de um professor excêntrico de literatura; uma leitora misteriosa; uma livraria de nicho que maltrata quem busca livros ruins; e um casal que se conhece em circunstâncias livrescas.

Em meio a tudo isso, e falando sobre o jovem que, no conto, decide deixar a casa do pai e explica suas razões por meio de uma carta – mais uma vez, essa forma de comunicação se faz presente –, o autor acaba por se expor mais.

Dividido em duas partes, *Literatura Infantil* parece dois livros diferentes. O primeiro, mais fragmentado e autocentrado; o segundo, mais narrativo. Na primeira parte, Zambra escreve sobre a experiência de ser pai de um menino pequeno na pandemia. Escrever sobre esse processo é, em essência, escrever sobre a linguagem. O resultado é fascinante, por se tratar de uma descoberta dupla.

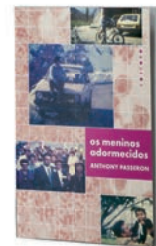
Os raciocínios infantis precisam da linguagem para chegar ao outro, o pai. Mas as falas das crianças – com um repertório limitado, em constante aquisição – acabam sendo criativas e belas, porque tentam dar conta de um mundo muito maior do que as palavras ensinadas – e escritas – pelo pai. •

RODRIGO JARDÓN

Experiência própria. O autor atravessou a pandemia com um filho pequeno em casa

VITRINE

POR ANA PAULA SOUSA

A Angústia do Rei Salomão (Todavia, 288 págs., 89,90 reais), escrito por Romain Gary (1914-1980), sob o pseudônimo de Émile Ajar, e publicado em 1979 na França, ganha nova vida no Brasil. Na história, um jovem taxista relaciona-se com um velho endinheirado que se tornou seu passageiro.

O escritor Ronaldo Correia de Brito, que também é médico, lança pela Alfaguara o romance **Rio Sangue** (320 págs., 89,90 reais), passado no interior cearense e protagonizado por um padre em conflito com a fé. "Às vezes", começa ele, "de algum riacho obscuro surge o sangue de um crime."

É na linhagem contemporânea dos romances que enlaçam vida íntima e olhar sociológico que se insere **Os Meninos Adormecidos** (Fósforo, 208 págs., 79,90 reais), do francês Anthony Passeron. A narrativa retorna ao tempo da descoberta do vírus HIV, na década de 1980.

AFONSINHO
Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos

Pretas no topo

▶ Rebeca Andrade e Beatriz Souza, as duas ganhadoras de medalhas de ouro até aqui, têm muito a ensinar ao Brasil

A mulher brasileira, mais uma, indica o caminho da redenção do nosso esporte e, quem sabe, da nossa sociedade.

As atletas brasileiras, até a quarta-feira 7, tinham sido responsáveis por nove das 13 medalhas conquistadas pelo País em Paris.

A principal estrela foi a majestosa Rebeca Andrade que, aos 25 anos, conquistou quatro medalhas – uma de ouro, duas de prata e outra de bronze

Antes do ouro de Rebeca, já havia acontecido a apresentação das atletas que conquistaram a medalha por equipes.

O resultado havia contaminado as crianças iniciantes que, acompanhando a transmissão também, não conseguiam parar de pular.

A lista das vencedoras é grande e tem, ao lado de Rebeca, outro destaque: a judoca Beatriz Souza, medalha de ouro na categoria acima de 78 quilos.

Em sua primeira participação em uma Olimpíada, a atleta que treina no Clube Pinheiros, em São Paulo, bateu, na final, a israelense Raz Hershko, segunda do *ranking* mundial.

Ainda no judô, outra mulher brilhou: Larissa Pimenta, que levou o bronze após derrotar a italiana Odette Giuffrida na disputa pelo terceiro lugar.

Já a judoca Rafaela Silva, embora não tenha conseguido o pódio no individual, saiu premiada na disputa por equipes.

A lista não acaba: Beatriz Ferreira ficou com a prata no boxe; a surfista Tatiana Weston-Webb se tornou a primeira brasileira medalhista da modalidade; e nossa já querida Rayssa Leal ganhou o bronze no *skate*.

Fico também muito impressionado com o destaque daqueles atletas que, mesmo com empenho e dedicação e até títulos conquistados anteriormente, acabam ficando sem a medalha de bronze, muitas vezes, por um triz. O esporte sempre tem muito a ensinar.

E, bem, chegamos, também por meio das mulheres, ao assunto que costuma ser central neste espaço: o futebol

A seleção brasileira feminina marcou definitivamente essa Olimpíada com um comportamento que deve servir de farol para a recuperação do nosso futebol.

Futebol. A seleção feminina está na final

A dedicação integral e a disposição de lutar para alcançar as classificações conseguidas – sempre com a necessidade de entrega total até o fim – vem espantando a todos.

E não pode deixar de ser mencionado o tempo de acréscimo, que torna essa luta muito mais difícil.

Isso deve dever-se a novas orientações dos responsáveis pelas arbitragens em decorrência do excesso de tempo de bola parada no curso normal dos jogos.

Além de tudo, ainda têm ocorrido prorrogações motivadas pelos empates no tempo normal.

A vitória categórica da seleção brasileira sobre a seleção francesa, dona da casa, indicava um favoritismo que se confirmou na partida contra a Espanha.

Esse último jogo plantou nos torcedores um reconhecimento contagiante.

Mais uma vez, chegamos à final do futebol feminino olímpico contra as norte-americanas, com um time bastante exigido até aqui, mas, ao mesmo tempo, muito motivado.

O desafio, até a final, no sábado 10, é recuperar fisicamente o grupo desgastado, mas que conseguiu, com uma coesão admirável e sem algumas jogadoras fundamentais, chegar à final.

Cabe dizer, inclusive, que as substitutas têm mostrado completo entrosamento e dedicação assombrosa.

A seleção feminina, nestes jogos, está cumprindo o papel de mostrar o que está faltando ao futebol masculino.

E Paris 2024 também se fixará como um marco da presença das mulheres pretas no esporte.

Rebeca Andrade, com toda a sua elegância e altivez, quando questionada sobre racismo disse a frase que devemos repetir: "Preta no topo e pronto". •

redacao@cartacapital.com.br

ELNARA NEGRI
Livre-docente pela Faculdade de Medicina da USP e pneumologista do Núcleo Avançado de Tórax do Hospital Sírio-Libanês

Drogas ao mar

▶ Quem pode não se surpreender diante da pesquisa que detectou a presença de cocaína nos tubarões da costa do Rio de Janeiro?

Na década de 1980, um surpreendente estudo inglês mostrou que peixes machos de muitos rios da Inglaterra, próximos às grandes cidades, estavam se feminilizando, inclusive produzindo proteínas que são geradas apenas por fêmeas da mesma espécie e desenvolvendo características intersexuais, que culminavam até com a produção de óvulos.

Em 2012, um novo estudo continuava observando as mesmas ocorrências. Os cientistas constataram que os peixes dos rios britânicos estavam expostos a altas quantidades de hormônios femininos.

Além dos peixes, a população que bebia a água tratada das torneiras londrinas estava também exposta a altas doses de estrógenos, sendo detectado impacto até na produção de espermatozoides.

Em trabalhos mais recentes, os níveis de estrógeno nas águas, embora menores, ainda preocupam os cientistas. De onde vêm esses hormônios?

O esgoto tratado e despejado nos rios carrega uma infinidade de drogas consumidas pela população, que são excretadas na urina e nas fezes. Entre essas substâncias encontram-se os estrógenos presentes, principalmente, nos anticoncepcionais.

Na mesma linha de pensamento, pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) de Ribeirão Preto detectaram, em 2019, a presença de altos níveis de carbamazepina – um medicamento utilizado contra epilepsia e dores neuropáticas – na água dos rios da região.

Outras substâncias encontradas em níveis consideráveis foram alguns ansiolíticos e antidepressivos, como o clonazepam e a fluoxetina.

O estudo também avaliou os peixes expostos a estas águas e os principais efeitos observados foram alterações de comportamento, além de alterações na resposta imune e malformação dos embriões.

Quem não se surpreendeu com a pesquisa recente feita nos tubarões da costa do Rio de Janeiro que detectou altíssimas quantidades de cocaína nos músculos e no fígado desses animais? Trata-se de um fato espantoso em um país onde o consumo de drogas é proibido.

No caso da cocaína, foram apontadas três possíveis fontes de liberação da droga nas águas. A maior delas são as fezes e a urina de usuários nos esgotos despejados nos rios. Além dessa fonte, laboratórios clandestinos de fabricação das drogas e despejos acidentais ao carregar navios para sua exportação também foram apontados como responsáveis.

O Brasil é um grande exportador de cocaína, sendo uma conhecida rota de escoamento da droga vinda da Colômbia, Peru e Bolívia e encaminhada por via marítima para a África e a Europa.

Como os tubarões se alimentam de peixes e crustáceos e nós humanos também, provavelmente estamos sendo expostos a essa alarmante contaminação.

Depois de passar pelas redes coletoras, o esgoto sanitário é levado para as estações de tratamento, passando por diversas etapas para livrar a água de resíduos tóxicos e microrganismos.

O processo, no entanto, não é 100% eficaz e o custo de tecnologias mais eficientes para a retirada de drogas é bastante elevado. Há que se lembrar também da grande quantidade de esgoto sem tratamento despejado nos rios do nosso país. E que saneamento básico é uma questão de sobrevivência para todos. •

redacao@cartacapital.com.br

Peixes. O estudo prova o quão necessário é o investimento em saneamento básico

BAPTISTÃO E LEVI SÁ/INATURALIST

O VIRA-LATA ESPECIALISTA
ATÉ A FRANÇA FEZ CORTES DE GASTOS SOCIAIS!
SE NÃO ZERARMOS POR AQUI, BRASÍLIA NUNCA SERÁ PARIS
NUNCA!!!
1
2
3

CartaCapital
30
ANOS